

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ANA JÚLIA FERNANDES BRAGA BORGES

O (não) falar português:

Os desafios de um acolhimento linguístico a imigrantes e
refugiados venezuelanos

Mestrado em Ciências Sociais

SÃO PAULO

2024



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

ANA JÚLIA FERNANDES BRAGA BORGES

O (não) falar português:

**Os desafios de um acolhimento linguístico a imigrantes e
refugiados venezuelanos.**

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Ciências Sociais, Área de
concentração Sociologia, sob a orientação da
Profa. Dra. Maura Pardini Bicudo Vêras

SÃO PAULO

2024

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Aos estrangeiros que amam as nuvens.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – processo 88887.832401/2023-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – processo 88887.832401/2023-00.

Agradecimentos

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram no processo e realização desta dissertação, fruto da pesquisa que se iniciou na Graduação em Ciências Sociais. Agradeço à Professora Dra. Maura Veras por sua orientação e encorajamento. Agradeço também aos Professores do programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que proporcionaram um ambiente acadêmico de debates e crescimento na minha formação como Cientista Social. Estendo agradecimentos à minha banca de Qualificação, à Professora Dra. Lucia Bógus e ao Professor Dr. Fabio Pucci, cujas contribuições foram essenciais para a escrita deste trabalho de dissertação.

Sou imensamente grata à minha família, por me apoiarem tanto. À minha mãe que ouvia meus devaneios e me encorajou a continuar escrevendo, ao meu pai pelo seu trabalho e viagens que me permitiram desde criança pensar e refletir sobre o outro e por me ensinar a fazer perguntas. Agradeço à Caro, minha irmã querida, que acreditou nos meus devaneios de escrever desde que éramos pequenas e agradeço ao Hiroki que trazia café quando vinha em casa e eu estava trabalhando nesta dissertação. Também estendo agradecimentos aos meus tios e tias que também são migrantes dentro do território brasileiro e alguns que também já viveram fora do Brasil e me mostram que ser brasileiro é algo plural e não há um único jeito ou forma. Ao meu tio Fábio, que me incentivou a leitura da poesia da Sophia de Mello Breyner Andresen, já que ler poesia é vital para escrever bem. À minha prima Mari, que me apoiou no processo de escrita e como melhor expressar minhas ideias em português quando às vezes saía um portunhol ou expressões que não faziam sentido. À Bia que me acompanhou por mensagens, mesmo de longe, e me ajudou a encontrar projetos de crochê e tricô para desestressar e ir descansando no meio do processo da escrita. À Lud, que está começando uma nova aventura em Philly junto com o João e os filhos deles, a Dora e o Dante, que são uma nova geração de crianças da família crescendo bilíngues e que daqui a uns anos vão começar a buscar saber como responder a pergunta "de onde você é?". À Bela, Duda e José, outros primos que cresceram entre culturas e línguas, e me ajudaram a perceber que podemos ter mais de uma nacionalidade, mas não é um passaporte que determina nossa identidade.

Sou grata a minha psicóloga, que me acompanha há tantos anos e me ajuda a levar a vida com mais leveza. Agradeço às minhas amigas, que me encorajaram e caminham comigo, a Camila, a Juliana, a Yuri, a Karina e a Tiemi e tantos outros que tem me acompanhado, (and a special thanks to Kate, for our talks and providing a safe space to process!). Agradeço ao Philhos e à TCK Training que, fora do âmbito da academia, têm me proporcionado espaços para refletir sobre esse tema. Espero que no futuro possamos ter mais pesquisas sobre FTCs/TCKs (Filhos de Terceira cultural/ Third Culture Kids) brasileiros.

Aos migrantes que confiaram em mim suas histórias e a todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho, o meu mais sincero agradecimento.

I

O ESTRANGEIRO¹

- A quem mais amas tu, homem enigmático, dize: teu pai, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?
- Eu não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.
- Teus amigos?
- Você se serve de uma palavra cujo sentido me é, até hoje, desconhecido.
- Tua pátria?
- Ignoro em qual latitude ela esteja situada.
- A beleza?
- Eu a amaria de bom grado, deusa e imortal.
- O ouro?
- Eu o detesto como vocês detestam Deus.
- Quem é então que tu amas, extraordinário estrangeiro?
- Eu amo as nuvens.. as nuvens que passam lá longe...
as maravilhosas nuvens!

¹ Charles Baudelaire, Pequenos poemas em prosa. Tradução de Gilson Maurity. Editora Record, 2006.

Resumo

Este estudo investiga como a barreira do idioma impacta a inserção de imigrantes venezuelanos no Brasil, a mais significativa das Américas (Jarochinski-Silva et al. 2021), com base na hipótese de que a comunicação em português representa uma das primeiras dificuldades que os imigrantes de língua espanhola enfrentam ao migrar para o Brasil. A pergunta norteadora desta dissertação é: “É possível criar um ambiente de acolhimento que facilite a inserção, utilizando a língua como ferramenta de inclusão, sem exigir que os migrantes abandonem seus costumes e modos de ser?”. Por meio de uma metodologia qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis venezuelanos, recrutados por meio de amostragem em bola de neve, juntamente com observação participante como professora de PLAc (Português como Língua de Acolhimento) e consulta a dados quantitativos para caracterizar o fluxo migratório. Embora esse grupo não seja uma amostra e, portanto, não sejam feitas afirmações amplas sobre as características desse fluxo, as experiências relatadas indicam que o português, apesar de ser uma barreira no início, pode se tornar uma ponte, uma ferramenta de inserção. Esta dissertação contribui para os estudos sociológicos sobre migração e alteridade ao discutir o papel do idioma nos processos de acolhimento e inserção, e como ele se cruza com questões de trabalho, moradia, acesso a direitos e serviços de saúde, e se conecta com questões de identidade e tradução (Hall, 2020).

Palavras-chave: imigração venezuelana; acolhimento linguístico; identidade; alteridade

Abstract

This study investigates how the language barrier impacts the integration of Venezuelan immigrants in Brazil, the most significant in Americas (Jarochinski-Silva et al. 2021), based on the hypothesis that communication in Portuguese represents one of the first difficulties that Spanish-speaking immigrants face when migrating to Brazil. The guiding question of this dissertation is: "Is it possible to create an environment of welcome that facilitates integration, using language as a tool for inclusion, without requiring migrants to abandon their customs and ways of being?". Through a qualitative methodology, semi-structured interviews were conducted with six Venezuelans, recruited using snowball sampling, alongside participant observation as a teacher of PLAc (Portuguese as a Language of Welcome) and consultation of quantitative data to characterize the migration flow. Although this group is not a sample, and therefore no broad claims are made about the characteristics of this flow, the reported experiences indicate that Portuguese, despite being a barrier at the beginning, can become a bridge, a tool for integration. This dissertation contributes to sociological studies on migration and otherness by discussing the role of language in the processes of welcoming and integration, and how it intersects with issues of work, housing, access to health rights and services, and connects with questions of identity and translation (Hall, 2020).

Keywords: Venezuelan immigration; linguistic reception; identity; otherness

Lista de Abreviaturas e Siglas

ACNUR - Agência da ONU para Refugiados

CASJ - Casa de Acolhida São José, Abrigo para Mulheres e Crianças Migrantes

Celpe-BRAS - O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

CIPD - Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento das Nações Unidas

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados

ICCPR - International Covenant on Civil and Political Rights

LeIA - Léxico para Inferência Adaptada

MEC - Ministério da Educação e da Cultura

Mercosul - Mercado Comum do Sul

NEPO - Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”

OIM - Organização Internacional para Migrações

OBMIGRA - Observatório das Migrações Internacionais

PDMIG - Organização Não-Governamental Pacto pelo Direito de Migrar

PIDCP - Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos

PLAc - Português como Língua de Acolhimento

PSL - Português Segunda Língua

R4V - *The Interagency Coordination Platform for Refugees and Migrants* / Plataforma de Coordinación Interagencial para Refugiados y Migrantes de Venezuela

SUS – Sistema Único de Saúde

Sumário

Introdução	12
1. O fluxo migratório Venezuelano	21
1.1 Contextualizando o fluxo migratório	21
1.2 Trajetórias migrantes	28
1.3 A Comunicação: Barreira ou Ponte a Partir Dessas Trajetórias Migrantes?	34
2. O PLAc. Uma proposta de acolhimento linguístico	36
2.1 O que seria um acolhimento linguístico?	36
2.2 O PLAc: experiências como professora de Português como Língua de Acolhimento	38
2.3 O (não) falar português, os desafios de aprender uma nova língua	41
3. Alteridade e Diáspora	46
3.1 A construção do Outro	46
3.2 O desejo de falar como nativo: inserção ou assimilação?	47
3.3 Onde que é casa?	49
3.4 O que ainda preocupa?	51
Considerações Finais	56
Referências Bibliográficas	61

Apêndice

69

Anexo

72

Introdução

Caras e caros colegas escritores, jovens adeptos dessa estranha profissão: a escrita é um inferno, uma tortura incessante, um banho de alcatrão fervente. Ela cansa, destroi a coluna, neurotiza, obriga a competir, ser nomeado, submeter, comentar, querer mal a um crítico cruel, morder os dedos de nervoso após depois de uma resenha desfavorável. Mas a escrita é também um paraíso. Ela dá uma sensação de poder, transforma a vida em um passatempo sem fim, permite ter contato com materiais e pessoas sábias e interessantes, força a pensar e abordar vários assuntos de ângulos incomuns, manda perguntar a si mesmo 'quem sou?', desenvolve a empatia e faz com que entendamos melhor os outros.

Tokarczuk, 2023, p.131

Início este trabalho pegando emprestadas as palavras da escritora polonesa Olga Tokarczuk pois esta pesquisa caminhou e foi guiada por um processo pessoal de buscar na sociologia respostas à pergunta "quem sou?". Quando eu tinha oito anos de idade, me mudei com minha família ao Uruguai, e de repente me vi em uma escola diferente, onde a língua e cultura eram diferentes de tudo o que eu já conhecia e experienciei o ser objeto de curiosidade, fascínio e de violências simbólicas e verbais, por ser mulher e brasileira, como observou e descreveu Piscitelli (2008). Essa foi a primeira, mas não a última mudança internacional que fizemos em família, mas creio que foi a mais significativa. Estivemos no Uruguai por sete anos, a minha identidade cultural, e ideias de nacionalismo, foram moldadas por esse tempo. Na escola, em ritos oficiais eu prometi e jurei lealdade à bandeira "celeste" e ainda hoje, em toda Copa do Mundo de futebol, eu me encontro torcendo pela seleção uruguaia. Antes da decisão oficial de retornar ao Brasil, junto com minha família, eu sonhava em continuar e finalizar minha educação no Uruguai, e requisitar a naturalização, me tornando "oficialmente uruguaia". Outra complexidade, ou faceta da minha identidade cultural, é que já adulta recebi a cidadania portuguesa, e sou cidadã portuguesa e europeia, o que me parece cômico pois nunca vivi e nem visitei Portugal.

Falo sobre o impacto do (não) falar a língua quando migrante, pois fui matriculada em uma escola nacional, onde era a única aluna estrangeira. No meu caso, eu fui muito acolhida pela coordenação e pelos professores, até recebendo aulas de espanhol nas férias para tentar facilitar a minha transição. Aqui agradeço à Professora Suzana, minha primeira 'maestra', que me acolheu não apenas com aulas de espanhol durante as férias, mas que durante o período escolar em todo momento checava se eu estava acompanhando as aulas, e entendia o que estava acontecendo.

Logo, porém, descobri que o desafio não era apenas entender o espanhol, era também entender as dinâmicas sociais e culturais presentes ali no ambiente escolar, navegar as interações sociais e o *não dito*. Eu lembro do medo e da incerteza que me acompanharam nos meus primeiros meses na escola, um local onde todos falavam espanhol e eu não entendia metade das coisas que estavam acontecendo, não sabia se riam de mim ou do meu jeito de falar, nem se havia uma diferença entre esses dois fatos. Também houve algumas situações em que eu falei ou fiz coisas que ofenderam e provocaram a raiva de pessoas ao meu redor, apesar de não entender o que eu havia feito para provocar tal reação.

Essas experiências pessoais como imigrante, com língua e nacionalidades (e até patriotismo), me levaram a fazer perguntas, para as quais eu não tinha uma única ou simples resposta: Quem sou eu? Qual é o meu lugar? O que significa pertencer? Essas perguntas têm me trazido alegria e dor, dúvidas e respostas que levaram a mais perguntas, e no meu mestrado, nesta pesquisa, as questões que me incomodavam, meus *'daemons'*, as memórias de quando me vi como imigrante, encontrei o outro que me entendia como outra, ambos estranhos, mas refletidos a partir da mesma interação (Kapusinski, 2009). E nessa trajetória o texto de Sayad "A imigração ou os paradoxos da alteridade" tem me acompanhado, ou mais especificamente o prefácio do livro e as palavras de Bourdieu:

Como Sócrates, o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável (...) nem cidadão, nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Outro, o 'imigrante' situa-se nesse lugar 'bastardo' de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo - até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial - apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incomoda cria. Incomodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre Estado e a Nação ou a nacionalidade.

Bourdieu (In: Sayad, 1998), p.11

O descrever o imigrante como *atopos* -deslocado- me chamou a atenção e me encorajou a continuar lendo, refletindo e fazendo perguntas. Pois me senti ouvida, vista e reconhecida, me vi refletida nesses estudos! A minha trajetória de vida não era única ou estranha, havia (e há) muitos que passaram por deslocamentos, tem dupla nacionalidade ou não tem a nacionalidade do país que chamam de casa, navegam comunicação em diferentes línguas e às vezes confundem as duas (ou três)

e esquecem palavras e trocam expressões, passam por violências simbólicas e exclusão.

Esta pesquisa, aqui apresentada, surge dessa combinação de experiências e memórias pessoais como imigrante, da minha trajetória como pesquisadora, e do que entendo como relevância social e política do assunto. Já estava na universidade, quando minha pesquisa em migração e língua se iniciou, na Iniciação Científica (PIBIC - CNPQ) vinculada ao projeto Territórios e Fronteiras da Alteridade em São Paulo da Professora Dra. Maura Pardini Bicudo Vêras. Dentro desse projeto, propus-me a observar o acolhimento de crianças imigrantes em escolas municipais no município de São Paulo. A observação nas escolas municipais de São Paulo nunca se concretizou, pois teria início em 2020 e com a pandemia, a quarentena e o fechamento das escolas, o meu recorte de pesquisa foi repensado. Por meio de um curso do Memorial da América Latina, eu tive a oportunidade de conhecer a pesquisa da Carla Cursino² e a proposta do PLAc (Português como Língua de Acolhimento). Decidi, então, observar o impacto do (não) falar o português na vida de imigrantes e refugiados no Brasil a partir dessa outra perspectiva, já não mais com crianças no ambiente escolar. Com a minha aproximação à metodologia de ensino de português, PLAc, eu comecei a acompanhar ONGs que implementaram essa metodologia de ensino, com o intuito de conhecer melhor essa metodologia e observar a que grupos eles atendiam.

O que começou como objeto de estudo na Iniciação científica, continuou no projeto do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e agora é o foco de pesquisa neste trabalho apresentado a nível de mestrado, a proposta de refletir sobre acolhimento linguístico e realizar essa reflexão dentro do campo das ciências sociais, já que os trabalhos consultados³ que usam o termo *acolhimento linguístico* estão no campo de Letras e Ensino de Português como Segunda Língua (PSL), ou Português como Língua de Acolhimento (PLAc). A pergunta da pesquisa é *"Será possível um acolhimento na perspectiva da inserção, e da língua ser uma ferramenta de inclusão do outro tal como ele é, para que não precise deixar seus costumes, cultura, modo de*

² Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

³ CABETE, M. A. O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento. 2010; HECKERT CESAR BASTOS, R. Quando alguém não fala a língua, é como se as crianças tivessem nascido agora. 2021; MIRANDA, Y. C. C. Narrativas em curso [manuscrito]. 2021.

ser de lado, mas enriquecer sua vivência e da sociedade e comunidade que o recebe?" Este é um trabalho de caráter qualitativo que delimita em um recorte da migração venezuelana, o refletir e analisar fluxos migratórios levando em consideração o como a língua, e o falar a língua da sociedade receptora, impacta ou atravessa diversas questões do dia a dia. Coloco como hipótese que um dos primeiros desafios que os venezuelanos encontram ao chegar ao Brasil é a comunicação em português. Comunicação na fronteira, com a Polícia Federal, no momento de mostrar os documentos, na questão de moradia, na escola, no hospital, no trabalho.

Visando a produção de uma pesquisa com técnicas mistas, quantitativas e qualitativas, consultei as bases de dados do NEPO (Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó"), da R4V (Plataforma de Coordinación Interagencial para Refugiados y Migrantes de Venezuela) e do OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais), pois são bases de dados nacionais e internacionais. A experiência de pesquisa em campo, foi como educadora no curso de "Língua Portuguesa, Cidadania e Cultura Brasileira para Refugiados e Migrantes" em duas parcerias que a Organização Não-Governamental Pacto pelo Direito de Migrar (PDMIG) realizou para oferecer aulas de português a imigrantes e refugiados venezuelanos e haitianos. A primeira parceria foi com a Casa de Acolhida São José, Abrigo para Mulheres e Crianças Migrantes – CASJ, em Pacaraima/RR, parte do Projeto IDENTIDADES – Cultura Global em Movimento, com o título de Fronteira e Institucional/ Integração II, com uma classe composta de mulheres venezuelanas. Também fui educadora em uma turma com alunos venezuelanos e haitianos residindo em Porto Alegre, fruto de uma parceria entre a PDMIG e o Vida Centro Humanístico, vinculado à Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social, em Porto Alegre/RS. Todas as aulas ocorreram de forma híbrida; em total foram 95 horas de aulas ministradas, além do tempo de preparo dessas aulas e as reuniões semanais junto à coordenação pedagógica do programa. Após seis meses do início das aulas, estas foram canceladas por uma decisão conjunta entre a ONG que oferecia as aulas (PDMIG) e a ONG responsável pela casa de acolhida que havia requisitado esses serviços.

O plano inicial era realizar entrevistas com as alunas do Projeto Identidades, pois eram mulheres que estavam em uma casa abrigo em Pacaraima, aguardando a realocação e interiorização. Porém não me foi permitido contato com elas fora dos momentos de sala de aula, já que a interação sempre acontecia por intermédio da

Casa Abrigo. Entendo e reconheço que isso é uma medida de cuidado e proteção dessas mulheres. Recebi a autorização de manter um caderno com anotações das aulas, e relatar um pouco dessa minha experiência como professora de PLAc, processo que se trouxe a esta pesquisa aspectos de uma autoetnografia. Essa experiência me proporcionou um olhar dentro dos desafios da metodologia PLAc na prática (como professora), os desafios do ensino online, e as limitações dessa proposta de aprendizado e ensino, e os desafios das interações de diversos órgãos da sociedade civil com seus voluntários e os migrantes/refugiados que acolhem. Alguns dos desafios a destacar foram as aulas ocorrerem na modalidade híbrida, e as limitações que essa proposta de ensino traz ao ensino e à interação com as alunas. Outra questão que observei foram as interações de diversos órgãos da sociedade civil com seus voluntários e com os migrantes/refugiados que são acolhidos, como há um distanciamento entre a prática e a teoria.

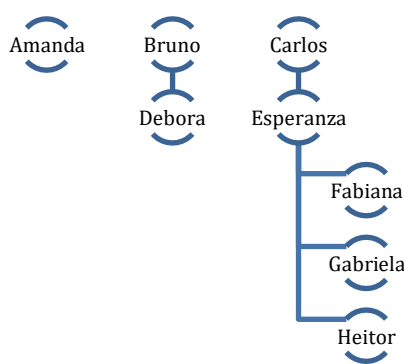
Aspectos metodológicos

Para trazer à pesquisa mais vozes e histórias dos próprios migrantes, decidiu-se utilizar a metodologia "bola de neve", a qual se fundamenta em usar a rede social dos indivíduos iniciais para ter acesso ao coletivo, e foi uma decisão tomada no início de 2023. Essa é uma técnica de pesquisa não probabilística onde os indivíduos selecionados para serem entrevistados convidam novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos, formando um grupo de participantes que aceitaram participar da pesquisa e responder algumas questões levantadas.

Primeiramente foi definido como critério de participação na pesquisa o ter migrado ao Brasil antes de 2020 e estar residindo no país há pelo menos três anos; ter fluência no português não era um requisito pois eu podia conduzir as conversas em espanhol. Entrei em contato com grupos e organizações que ofereceram os contatos iniciais, e a princípio tinha três indivíduos que cumpriam as características do estudo, não estavam conectados e poderiam ter aberto o grupo, dando a indicação das próximas pessoas a serem entrevistadas. No contato inicial com os três imigrantes identificados, apresentei a proposta de pesquisa, foi realizado um pedido de participação no estudo, enviei o termo de consentimento para ser assinado, e após isso realizamos a entrevista. No final de cada entrevista perguntei se conheciam outros imigrantes que cumprissem os critérios da pesquisa, e gostariam de participar

na pesquisa. O crescimento do grupo está ilustrado na Figura 01, os nomes utilizados são nomes fantasia, para proteção da identidade de cada um dos entrevistados, como explicitado no termo de consentimento. As iniciais dos nomes *fantasia* seguem uma ordem alfabética que se refere a ordem em que cada pessoa foi indicada e contatada.

Figura 01 - **Representação gráfica da formação do grupo de entrevistados**



Fonte: Elaboração própria.

Houve alguns desafios no processo de formação do grupo: a primeira entrevista foi com Amanda, ela compartilhou muito de sua história e experiências com o processo de aprendizado do português, porém no final da entrevista ela pediu um tempo para conversar com o marido sobre a participação na pesquisa. O contato havia sido intermediado por uma ONG que estava lhes oferecendo moradia, comida e apoio no processo de conseguirem empregos. Quando entrei em contato com ela, duas semanas após a entrevista, para reiterar seu consentimento de participação na entrevista e se seu marido também havia assinado o termo de consentimento - pois ele participou em um momento da conversa com suas perspectivas de como os eventos haviam ocorrido -, ela não deu nenhuma resposta. Por meio da ONG, recebi a notícia de que a família tinha se mudado pois ambos haviam começado a trabalhar como auxiliares de dentista. Então, entendi o silêncio e a falta de envio do termo de consentimento como uma decisão de retirar o consentimento de participação. A segunda pessoa entrevistada foi o Bruno, que indicou a Débora, que aceitou participar

do estudo. Porém, por três vezes seguidas ela confirmou que gostaria e poderia ser entrevistada, mas no dia e horário marcados não apareceu. Nas primeiras duas vezes, ela se desculpou e explicou que tinha compromissos médicos (pois estava no trimestre final da gravidez) e tentamos marcar outra data, mas após a terceira vez em que ela não apareceu sem aviso prévio, decidi agradecer seu tempo e disposição, entendendo que ela não iria participar da pesquisa. A terceira pessoa entrevistada foi o Carlos, e a partir dele, o grupo cresceu. Ele indicou o nome da Esperanza, que indicou o nome de outras três pessoas. Aceitei esse desenvolvimento na construção do grupo pois eram pessoas residindo em estados diferentes, e que ao analisar o "falar o português", o viés da comunidade é reconhecido. Foram então realizadas sete entrevistas, mas somente seis foram analisadas (já que retirei os dados da entrevista com Amanda).

É importante deixar claro que o grupo entrevistado não é uma amostra e, portanto, não é representativo do fluxo de venezuelanos ao Brasil como um todo, mas sim busca trazer um olhar sobre as experiências desse grupo. Grupo composto por venezuelanos de 20 a 35 anos que migraram ao Brasil antes da pandemia em 2020⁴, e compartilharam sua história de vida, memórias e processo de aquisição do idioma português. As entrevistas foram analisadas para identificar pontos de semelhança nas narrativas de histórias de vida, levando em consideração que as perguntas guiam a narrativa e o viés do grupo. Os tópicos que apareceram na entrevista e me chamaram a atenção são: trabalho, moradia, razões por que migraram, violência na Venezuela, vir ao Brasil por ter conhecidos ou família aqui, incerteza política quanto ao novo governo federal eleito em 2022.

A segunda análise das entrevistas foi feita com o objetivo de identificar o quanto os entrevistados entendem e usam gírias e/ou coloquialismos, se ainda tem momentos de uso do "portunhol", ou não se lembram de palavras específicas e recorrem ao espanhol; pois a aquisição de uma linguagem não é um processo linear.

⁴ Existem diversos estudos que abordam a interseção entre a pandemia e os movimentos migratórios, como o livro do NEPO: MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E A PANDEMIA de COVID-19 (disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacao/migracoes-internacionais-e-a-pandemia-covid-19/>). No entanto, em virtude do recorte adotado para esta pesquisa, não foi realizada uma abordagem aprofundada sobre essas questões.

A ideia dessa análise surgiu após um primeiro contato com o LeIA⁵, uma ferramenta que usa o programa Python, para análise de sentimentos expressos em um texto escrito. Meu interesse era identificar no texto outras questões além de sentimentos. Codifiquei as transcrições com palavras chaves que indicavam os momentos em que falaram em espanhol [SPANISH], em portunhol [MIXED] ou usaram gírias e/ou coloquialismos do português [SLANGS]⁶. Com o texto das transcrições codificado dessa maneira, o próximo passo seria pedir que o Python "lesse" o texto e indicasse quantas vezes cada momento ocorreu. Essa análise também pode ser realizada usando um processador de texto como Word ou Google Docs, que identifica o número de repetições da palavra-chave. Decidi usar o Google Docs para analisar as seis entrevistas realizadas com Bruno, Carlos, Esperanza, Fabiana, Gabriela e Heitor.

Um desafio da metodologia "bola de neve" é o viés da comunidade. Na tentativa de evitar um viés, os indivíduos que são contatados no início pertencem a grupos e comunidades diferentes. Na segunda linha de entrevistas, a Esperanza indicou três pessoas para as entrevistas (momento que houve um crescimento exponencial) e curiosamente eram pessoas de comunidades diferentes, e se conheciam por um interesse da Esperanza de se conectar com venezuelanos que haviam migrado ao Brasil. O fato de os entrevistados residirem em diferentes regiões do Brasil, ameniza o impacto do viés do grupo, mas ele ainda está presente, como por exemplo, quando fiz perguntas que tangenciam questões políticas (muito conectado à razão por que migraram). Seria interessante, no futuro, realizar uma pesquisa que tenha como amostragem alunos de PLAc (Português como língua de acolhimento) e realizar entrevistas antes, durante e depois do curso, e observar o impacto da aquisição da língua através dessa metodologia na vida desses imigrantes/refugiados.

⁵ LeIA (Léxico para Inferência Adaptada) é um fork do léxico e ferramenta para análise de sentimentos VADER (Valence Aware Dictionary and sEntiment Reasoner) adaptado para textos em português. Fonte: @misc{Almeida2018,

```
author = {Almeida, Rafael J. A.},  
title = {LeIA - Léxico para Inferência Adaptada},  
year = {2018},  
publisher = {GitHub},  
journal = {GitHub repository},  
howpublished = {\url{https://github.com/rafjaa/LeIA}}
```

⁶ Os códigos estão em maiúscula e em inglês para não ter o risco dessa palavra ter sido usada em outro momento das falas nas entrevistas, e ser quantificada.

Esta dissertação é apresentada em três capítulos, iniciando com o compartilhamento das trajetórias dos seis imigrantes entrevistados, e uma breve contextualização do fluxo migratório de venezuelanos ao Brasil. O segundo capítulo propõe uma reflexão sobre o que seria um acolhimento linguístico, quais as estratégias de ensino de português como língua de acolhimento (o PLAc). Compartilharei sobre a minha experiência como professora de PLAc, desafios e surpresas de uma teoria que na prática passa por alterações. E concluo o segundo capítulo trazendo relatos do grupo entrevistado e como eles aprenderam a falar português. Finalmente, o terceiro capítulo complementa a discussão realizada ao longo dos capítulos anteriores, apresentando o conceito do “outro” e a construção da alteridade, para refletir sobre como o falar a língua pode ser uma ferramenta de inclusão e pertencimento, ou se apresenta como instrumento de assimilação e apagamento das identidades culturais. E no fechamento compartilho as preocupações que o grupo entrevistado trouxe ao responder à pergunta: “o que mais te preocupa como estrangeiro no Brasil?”.

1. O fluxo migratório venezuelano

1.1 Contextualizando o fluxo migratório

O fluxo migratório saindo da Venezuela, é considerado o mais significativo das Américas nos últimos anos (Jarochinski-Silva, et al, 2021, p. 124), pois de população estimada em 26 milhões⁷, há 7,7 milhões de venezuelanos vivendo fora do seu país de origem (R4V⁸), o que representa um quarto da população nacional. Logo no início da Presidência de Nicolás Maduro, em 2014, a Venezuela entrou em um recesso econômico. As crescentes tensões políticas combinadas com a incerteza econômica se refletiram no fluxo migratório de saída da Venezuela, (Uebel, 2019, p2).

Antes de 2014, a Venezuela apresentava uma grande prosperidade econômica e recebeu muitos imigrantes originários de outros países da América Latina, porém com o início dessa crise econômica e um aumento nas tensões políticas, o que era um fluxo de entrada se transformou em um fluxo de saída (Uebel, 2019, p3). Esse fluxo migratório se movimenta é em maior parte na direção de outros países da América Latina, e substancialmente em direção aos países próximos: Colômbia, Peru e Brasil⁹. O Brasil e a Colômbia são países vizinhos da Venezuela e por meio da fronteira terrestre há muitos que a atravessam a pé, alguns sem documentos e somente com o que podem carregar, andam por caminhos incertos e às vezes até “ilegais” para chegar do outro lado da fronteira, na expectativa de um futuro.

No Quadro 01, abaixo, há uma descrição numérica desses fluxos. Foi consultada a plataforma: *Interagency Coordination Platform for Refugees and Migrants* (R4V), a qual é composta por mais de duzentas organizações (que incluem agências da ONU, a sociedade civil, instituições religiosas e ONGs) que desde 2019 coordenam a resposta humanitária, levantam recursos e compilam dados estatísticos sobre o plano de resposta de países da América Latina e Caribe a esse fluxo. Em 2018, o Brasil registrou a presença de 43 mil venezuelanos, 96 mil em 2019, 253 mil em 2020, 261 mil em 2021, 317 mil em 2022, 430 mil em 2023, e 568 mil até junho de

⁷Fonte: International Monetary Fund, 2024.

⁸ Fonte: R4V (Plataforma de Coordinación Interagencial para Refugiados y Migrantes de Venezuela). Acesso em Jun/2024.

⁹ Ver em anexo 01 a representação cartográfica do fluxo da população venezuelana na América Latina e Caribe.

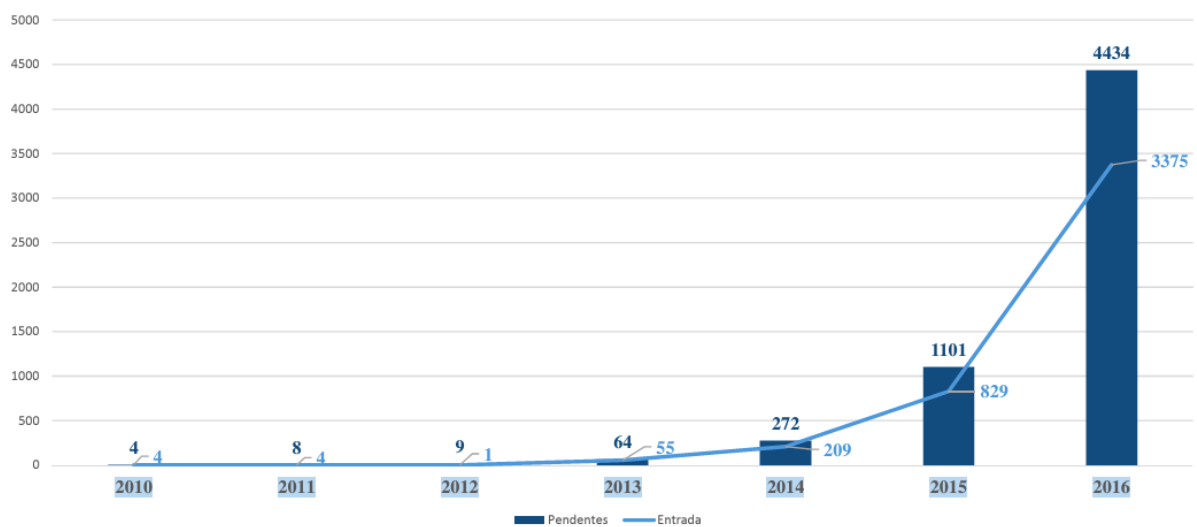
2024. A Colômbia tem recebido números mais significativos de imigrantes venezuelanos, 648 mil em 2018, 1,1 mi em 2019, 1,7 mi em 2020, 1,7 mi em 2021, 1,8 mi 2022, 2,4 mi em 2023 e até junho de 2024 foram 2,8 mi.

Quadro 1 - Fluxo migratório de Venezuelanos a outros países da América Latina

	<i>Colômbia</i>	<i>Peru</i>	<i>Brasil</i>	<i>Chile</i>	<i>Argentina</i>	<i>México</i>	<i>Ecuador</i>	<i>Panamá</i>
2018	648,714	33,255	43,948	161,675	95,943	72,275	72,139	67,247
2019	1,188,367	713,385	96,000	288,233	130,000	39,500	250,592	94,400
2020	1,781,242	861,049	253,495	386,658	145,000	73,115	366,596	98,486
2021	1,742,927	1,045,439	261,441	457,324	179,203	101,648	439,905	121,600
2022	1,842,390	1,286,464	317,521	448,138	170,517	82,976	509,651	121,598
2023	2,477,588	1,508,501	430,330	444,423	220,595	87,917	502,214	147,590
2024	2,857,528	1,542,004	568,058	532,715	164,024	113,108	444,778	58,158

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da Plataforma R4V.

Para compreender esse fluxo de entrada ao Brasil, consultei os relatórios da OBMIGRA, mais especificamente o “Refúgio em Números”, que compila e analisa os fluxos migratórios de entrada ao Brasil com uma perspectiva mais ampla. Observando os dados sobre solicitações de refúgio, entre 2010 e 2015, as principais nacionalidades solicitantes de refúgio foram haitianos, senegaleses, sírios, bengaleses e nigerianos. A partir de 2015, no entanto, as solicitações de venezuelanos aumentaram drasticamente, como ilustrado no Gráfico 01. Numericamente em 2014 registraram-se 272 solicitações pendentes, em 2015 houve 829 novas solicitações, e em 2016 entraram 3375 pedidos de refúgio. As solicitações pendentes aumentaram cerca de 3,05 vezes de 2014 para 2015. Em 2016, o crescimento foi ainda mais expressivo de aproximadamente 4,07 vezes em relação a 2015 e 12,41 vezes quando comparado a 2014.

Gráfico 01 – Solicitações de Refúgio Venezuelanos (2010-2016)

Fonte: Departamento de Polícia Federal/Comitê Nacional para os Refugiados

E os outros fluxos após 2016? Os maiores fluxos de entrada continuam os mesmos que entre 2010 e 2015? Para responder a essas perguntas, foram consultados relatórios de anos posteriores (publicados de 2017 a 2024). O Quadro 02 ilustra os fluxos migratórios para o Brasil por país de origem. Esses dados confirmam que a entrada de venezuelanos tem sido o fluxo migratório mais significativo. Em relação às solicitações de refúgio, os fluxos mais relevantes incluem cubanos, haitianos, sírios e chineses, entre outros. Observa-se que houve uma queda significativa no número de entradas entre 2020 e 2022, período coincidente com as restrições impostas pela pandemia de COVID-19¹⁰, mas a partir de então os números voltaram a crescer. No caso dos venezuelanos, houve uma diminuição significativa, passando de 82 mil solicitações em 2019 para 17 mil em 2020, o que representa uma redução de aproximadamente 4,82 vezes¹¹. Em janeiro de 2024, já estavam registrados 510 mil venezuelanos residindo no Brasil até janeiro de 2024. Destes, 103 mil possuem status de refugiados reconhecidos, 37 mil aguardam a decisão quanto ao pedido de refúgio, e outros 429 mil possuem autorização de residência.¹²

¹⁰ Portaria Interministerial nº678/2022. Art. 1º Esta Portaria dispõe sobre restrições, medidas e requisitos excepcionais e temporários para entrada no País, em decorrência dos riscos de contaminação e disseminação do coronavírus SARS-CoV-2 (covid-19).

¹¹ Ver gráfico em anexo 02 para uma representação visual dessa tendência.

¹² Fonte: Relatório Refúgio em Números. OBMigra, Jan/2024.

Quadro 02 - Solicitações de reconhecimento da condição de refugiado por país de origem de 2017 a 2023

	<i>Venezuela</i>	<i>Cuba</i>	<i>Haiti</i>	<i>Angola</i>	<i>China</i>	<i>Senegal</i>	<i>Síria</i>	<i>Nigéria</i>	<i>Bangladesh</i>
2017	17.865	2373	2362	2036	1462	1221	823	549	523
2018	61681	2749	7030	675	1450	462	409	<i>N/E</i>	947
2019	82552	3999	16610	603	1486	363	429	331	738
2020	17385	1347	6613	359	568	209	129	213	329
2021	22856	529	794	1952	345	79	71	246	257
2022	33753	5484	208	3418	512	158	<i>N/E</i>	459	<i>N/E</i>
2023	29467	11479	<i>N/E</i>	3957	818	<i>N/E</i>	<i>N/E</i>	365	340

Fonte: Elaboração própria a partir de Relatórios OBMIGRA, Refúgio em Números - 2017 a 2024.

A política migratória que facilita a obtenção de documentos e a regularização da situação migratória seria um dos fatores para que o Brasil seja o terceiro país que mais recebeu venezuelanos, apesar de a língua oficial não ser o espanhol e sim o português brasileiro? No Brasil, a primeira legislação que regulamentou a acolhida de refugiados foi o Estatuto dos Refugiados¹³ em 1951, e em 1997 instituiu as condições para um imigrante (estrangeiro) ser reconhecido como refugiado, por meio da Lei Nº 9474 e pela criação do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). Porém a condição de refúgio demora em média oito meses para ser concedida (AMADO, 2013) e será concedida àqueles que se encaixam nas condições estabelecidas:

Artigo 1o - Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

¹³ Esta é uma convenção das Nações Unidas da qual o Brasil se tornou signatário em 1951.

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Antes do CONARE, em 1980, foi criado o “Estatuto do Estrangeiro”, ou Lei n. 6.815, uma lei pautada em uma caracterização do estrangeiro como uma possível ameaça à Pátria. Lei criada em um período em que o Brasil vivenciava a Ditadura Militar e antes da Constituição Federal de 1988, que inclui a proteção de refugiados no seu artigo 5:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

§ 2º Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.

A legislação constitucional faz referência a vários tratados internacionais dos quais o Brasil é parte. Um deles é o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos – PIDCP (International Covenant on Civil and Political Rights – ICCPR) adotado pela XXI Sessão da Assembleia-Geral das Nações Unidas, em 16 de dezembro de 1966, e reconhecido pelo governo brasileiro como decreto em 6 de julho de 1992¹⁴, pelo então Presidente da República Fernando Collor de Mello. Outros são a Conferência Mundial sobre Direitos Humanos em Viena, 14 a 25 de Junho de 1993; a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento das Nações Unidas (CIPD) realizada no Cairo, Egito, de 5 a 13 de setembro de 1994. E a Conferência Mundial

¹⁴ DECRETO NO 592, DE 6 DE JULHO DE 1992. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm Acesso em julho/2024.

das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância, em Durban, na África do Sul, 31 de agosto a 8 de setembro de 2001, onde todos os líderes mundiais presentes declararam a sua "forte determinação em fazer a luta contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância correlata e a proteção das vítimas, uma alta prioridade para [seus] países"¹⁵.

Com o passar dos anos vários projetos de Lei foram propostos e, em maio de 2017, uma nova Lei de Migração foi sancionada para substituir o "Estatuto do Estrangeiro", Lei n. 13.445, a Nova Lei de Migração, uma política migratória de controle com rosto humano (QUINTANILHA, 2019). Em resposta ao fluxo migratório de venezuelanos pela fronteira terrestre, foi publicada a Resolução Normativa 126 (março, 2017), a qual permitiu concessão temporária de residência para os Venezuelanos, "antecipando para eles o Acordo de Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercosul e países associados (Venezuela está suspensa do Mercosul). Mas também a solicitação de refúgio tem sido amplamente utilizada para viabilizar o ingresso dos venezuelanos no Brasil." (Lopes, In: Migrações Venezuelanas, ano, p.111). Podemos ver esse fluxo migratório como exemplo de um fluxo misto e não homogêneo (Jarochinski, et al, 2017), pois

Estes conjugam a diversidade de fatores e motivos para que as pessoas migrem, porém, sempre se caracterizam pela especificidade de uma mobilidade que congrega refugiados e solicitantes de refúgio entre seus membros. Tal situação exige dos Estados e dos agentes que lidam com as migrações uma percepção de que cada indivíduo merece uma forma de tratamento específica, em decorrência de sua condição. Essa percepção é, no entanto, pouco frequente nas ações estatais e das organizações, que acabam por atuar de forma generalista e tendem a classificar os diversos grupos migratórios da mesma forma, estabelecendo um comportamento padrão em relação aos migrantes e às políticas migratórias.

Jarochinski et. al., 2017, p.17.

O principal ponto de entrada ao Brasil é por via terrestre pelo Estado de Roraima, e atravessando o município de Pacaraima. Devido ao tamanho do fluxo de pessoas, o município não tinha recursos ou estrutura para acolher todos os que chegavam e começaram a enviar pedidos de apoio ao Governo Federal, pois se trata

¹⁵ Conferência de Durban. UNITED NATIONS POPULATION FUND. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/conferencia-de-durban> Acesso em julho/2024.

de uma questão internacional, a entrada irregular ou indocumentada. A Operação Acolhida foi então criada em 2018, uma força-tarefa que atende centenas de venezuelanos todos os dias, com uma atuação intergovernamental inédita nas fronteiras para interiorização de venezuelanos na fronteira e regularização da documentação. É o resultado do trabalho conjunto dos três níveis administrativos (municipal, estadual e federal) no estado de Roraima, de diferentes organizações internacionais (como a ACNUR, a Agência da ONU para Refugiados, e a OIM, Organização Internacional para Migrações) e da sociedade civil (representada por diversas ONGs) e das Forças Armadas do Brasil.

Em termos da sua atuação, a Operação Acolhida tem 3 eixos de ação, que são autônomos e complementares: em primeiro lugar é a recepção e identificação como estratégia de ordenamento da fronteira¹⁶, a acolhida por meio de abrigo (moradia e alimentação), e a interiorização¹⁷ - 135 mil pessoas foram interiorizadas, de maio/2018 a fevereiro/2024. Uma das estratégias de interiorização é enviar esses migrantes para locais onde há oportunidades de trabalho, e ONGs que os recebem. Porém, esse fluxo de trabalhadores traz uma precarização estrutural do trabalho em escala global, em que os trabalhos mais precários, ou desprezados, são dados a esses trabalhadores migrantes que se encontram em uma posição de vulnerabilidade social e econômica. Pois, como disse Fabiana “*você faz o que dá, não importa o que seja, se te oferecem você aceita*”¹⁸.

A circulação de trabalhadores é vista como mais um dos fluxos que movimentam as relações internacionais, intensificando a circulação de capital, mercadorias, serviços e informações. Por essa vertente explicativa, apreende-se que antigos e tradicionais sistemas de trabalho acabam sendo substituídos, em parte, por novos arranjos e espaços no mercado para subcontratações organizadas e oportunidades de realização de pequenos negócios.

Veras, 2017, p.49

¹⁶ Importante destacar que ainda está em vigor a Portaria Interministerial nº678/2022. Art. 1º Esta Portaria dispõe sobre restrições, medidas e requisitos excepcionais e temporários para entrada no País, em decorrência dos riscos de contaminação e disseminação do coronavírus SARS-CoV-2 (covid-19).

¹⁷ Fonte: <https://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>. Acesso em Junho/2024

¹⁸ Trecho da entrevista com Fabiana (nome fantasia).

1.2 Trajetórias migrantes

Há uma certa responsabilidade em honrar as narrativas que compõem a nossa compreensão do mundo (Tokarczyk, 2019, p 130), e no processo de realização deste trabalho, seis relatos foram confiados a mim. Gostaria de compartilhar as trajetórias dos venezuelanos entrevistados.

A primeira parte das entrevistas abordou a questão: como chegaram ao Brasil? Logo percebi que as respostas traziam um "motivo", havia um momento de ruptura, uma justificativa de o que os levou a saírem da Venezuela. Alguns descrevendo a situação de vida e o que os levou a buscar por algo diferente, recomeçar uma nova vida em outro país somente com o que podiam carregar. Outros não quiseram compartilhar muito sobre o que os levou a tomar a decisão de migrar, foram breves nas suas respostas e somente comentaram o nome da cidade onde viviam, e detalharam o trajeto terrestre para atravessar a fronteira com o Brasil. Ao detalhar esses trajetos terrestres, eles mencionaram também o impacto da Operação Acolhida em como foram recebidos por militares e agentes de saúde, tendo rápido acesso a documentos e vacinas, moradia e apoio para serem realocados a um local onde havia ofertas (ou maior possibilidades de busca) de emprego ou para uma reunificação familiar (um membro da família já estava vivendo em outra região do Brasil e tem documentos que autorizam a sua residência, e o imigrante entra com um pedido de serem reunificados). No decorrer das entrevistas mais detalhes apareciam e faziam comentários que contribuíam com a construção de uma linha do tempo, a qual não foi contada de forma linear, pois as narrativas não necessariamente seguiam uma ordem cronológica, eles retornavam a acontecimentos anteriores e iam construindo a partir de suas memórias (Polak, 1992). A seguir, estão as trajetórias, as seis histórias confiadas a mim.

1.2.1 Bruno

O Bruno não tinha planos de migrar para o Brasil, ele não tinha planos de sair da Venezuela, e se soubesse talvez iria para os Estados Unidos ou um país de fala hispana, mas ele se apaixonou, casou-se com uma brasileira e migrou para o

Brasil. Ele é um pastor evangélico e em 2015 recebeu um convite para participar de uma conferência cristã em São Paulo, inicialmente ele não iria aceitar pois a viagem era cara e já tinha planos para visitar Igrejas na Argentina e Paraguai. A incerteza partia de uma questão prática: que recursos financeiros ele teria para fazer essas viagens todas? Naquela semana, enquanto pensava em como responder ao convite, um pastor de São Paulo entrou em contato e reiterou o convite explicando que se ele encontrasse uma forma de chegar até Boa Vista (Roraima), eles arranjavam um transporte até São Paulo. Com essa provisão ele aceitou o convite e fez a viagem. Após o evento, e poucos dias antes de seguir em direção à Argentina, para seus próximos compromissos, Bruno foi visitar a Igreja desse pastor, pois foi a comunidade que lhe proveu os recursos que permitiu que realizasse a viagem. E foi nessa visita onde conheceu a sua esposa, uma brasileira que fala espanhol e iniciaram uma amizade que logo se tornou um relacionamento à distância. Em 2017, após dois anos de namoro, eles se casaram e decidiram que ele se mudaria para São Paulo, assumindo uma posição de liderança na igreja de sua esposa. Para entrar no Brasil ele requisitou um visto de turismo e após o casamento deu entrada no processo de emitir um visto de residência. Até o momento desta entrevista, após cinco anos vivendo no Brasil ele disse não ter muitos desafios de comunicação no dia a dia, apesar de não ter domínio da língua. Graças a convivência com a comunidade da Igreja ele foi aprendendo o português, ainda que na maior parte da entrevista ele falou português, mas explicou que no dia a dia não tem encontrado desafios, o entendem falando português e expressou que se comunica sem grandes dificuldades. Em algumas situações específicas, como consultas médicas ou visitas ao banco e cartório, onde a linguagem que usam é mais técnica e seu português não foi tão bem recebido e não o entendiam, ele estava acompanhado pela esposa, que atuou como intérprete. Um pouco antes da entrevista (julho de 2023), porém, ele percebeu que seu passaporte venezuelano estava vencido e encontrou dificuldades para renová-lo. O Bruno, então, começou a pesquisar como seria o processo de naturalização, para ter um passaporte brasileiro e poder viajar ao exterior, e descobriu que um dos requisitos é o ser aprovado na prova CELPE-BRAS¹⁹, uma prova que exige conhecimentos formais de gramática e sintaxe, além do que outros cursos de

¹⁹ Exame que provê o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros.

português para estrangeiros procuram oferecer: meios de comunicação e inserção pela língua.

1.2.2 Fabiana

Um outro relato iniciou com a resposta de que migrar para o Brasil parecia ser a única opção. Fabiana migrou com 24 anos, em 2019, e disse: "*queria encontrar um novo rumo, ou até ter um futuro. Pois, nós, jovens, não tínhamos muitas perspectivas de futuro e trabalho, ou até recursos para ter uma qualidade de vida básica*"²⁰. A sua saída do país foi contra os desejos dos pais, que achavam que o trajeto de viagem e o começar uma nova vida em outro país seria muito perigoso e incerto, mas ao receber um convite dos tios que viviam em Manaus desde 2010, ela aceitou e saiu da Venezuela. Fabiana explicou que estava sem passaporte, só tinha um documento de identidade nacional venezuelano, e migrou em um momento em que a fronteira venezuelana estava fechada. Contratou um serviço de transporte que a levou, com os bens que podia carregar pois não sabia como seria o trajeto, e foi trocando de carros e vãs, atravessou o país até chegar a um ponto onde não havia mais estradas e continuaram a viagem a pé, "*saímos por caminhos incertos e ilegais, andamos muitas horas no mato*"²¹. Ao entrar no Brasil ela passou pela polícia federal e quando perguntaram sobre seus documentos e tempo de permanência no país, ela respondeu que estava entrando como turista com planos de visitar a família em Manaus. Ela comentou: "foi assustador, me levaram a outra sala, e ele (o oficial) parecia saber que planejava ficar, mas não me mandaram de volta, ele só entregou um papel e me explicou o que precisava fazer para estender o período de permanência e como dar entrada em um pedido de refúgio"²². Ela então continuou até Manaus, mais uma vez confiando que a colocavam no ônibus correto, e se encontrou com a sua família. Naquela mesma semana foi ao ACNUR pedir ajuda e deu entrada em um pedido de refúgio. Ela construiu uma nova vida em Manaus, trabalhou como babá e depois como faxineira, aprendeu o português e se casou com um brasileiro que conheceu na igreja, e ela estava grávida no momento da entrevista.

²⁰ Trecho da entrevista com Fabiana (nome fantasia).

²¹ Idem anterior.

²² Idem n 18.

1.2.3 Gabriela

A Gabriela migrou em 2019, quando descobriu que estava grávida aos 27 anos. Porém, como o seu companheiro era ativo em movimentos contra o governo de Nicolás Maduro, ela temia por sua vida e a do bebê e decidiu migrar sozinha. O plano era de seu companheiro se juntar a ela quando pudesse, mas infelizmente ele foi assassinado antes da filha deles completar um ano, ela recebeu essa notícia por meio de amigos avisando que não devia retornar à Venezuela. Ela entrou no Brasil, por meios não legais, pois a fronteira estava fechada, e logo conseguiu um visto de residência. Encontrou um trabalho como diarista, em uma cidade perto de Manaus, porém uns meses depois ficou muito doente, mas não tinha tempo de procurar atendimento médico, pois ir ao médico era perder um dia de trabalho e ser despedida, mas ela precisava desse trabalho para pagar as contas e ter um teto sob sua cabeça. Desde antes de migrar, ela havia cortado laços com a família por conflitos anteriores, porém quando soube que ela estava doente, amigos da Venezuela entraram em contato com a sua família (irmã e pais) e lhes contaram que Gabriela estava grávida, doente, e sozinha no Brasil. Ela conta que ficou chocada pois um dia a sua irmã apareceu na cidade onde vivia e lhe disse que a prioridade era a saúde dela e da bebê, que os eventos que as levaram a cortar contato iam ser esquecidos e estavam no passado. Então sua irmã fez as malas, e foram para Boa Vista onde se encontraram com seus pais, que também haviam migrado. Ela recebeu tratamento médico, ficando de repouso até a sua filha nascer. Uns meses depois foram realocados pelo protocolo de Interiorização para São Paulo, capital. Essa realocação ocorreu durante a pandemia de COVID-19, e ela explica como foi essencial o apoio da Cáritas (organização humanitária da Igreja Católica) e um padre que acompanhou sua família, sempre checando se precisavam de algo. Em 2022, Gabriela começou a ter episódios de desmaio e dores no corpo, ao não ter melhoras, ela foi ao médico e após uma série de exames, descobriram que ela tem um tumor no cérebro e a única opção de tratamento seria uma cirurgia. No momento que a entrevista ocorreu, ela estava considerando suas opções e na lista de espera do SUS para dar continuidade ao tratamento.

Outro motivo foi acompanhar as famílias, acompanhando os pais que decidiram migrar ao Brasil. Essas foram as motivações do Carlos, da Esperanza e do Heitor.

1.2.4 Carlos

O Carlos migrou ao Brasil duas vezes, primeiro em 2012 e depois em 2020. A primeira entrada ao Brasil, em 2012, pelos estudos do pai, como mecânico de aviões de pequeno porte. Ele recebeu apoio e orientações para migrar com a família, esposa e seus três filhos, e estudar em uma universidade no interior de Goiás. Sem saber falar português, ele começou a estudar e trabalhar, e por estudo próprio foram aprendendo o português. O Carlos e seus irmãos foram matriculados em uma escola brasileira, onde aprenderam o português no “se vira e vai dar certo”. Após cinco anos, quando em 2017 o pai de Carlos concluiu seus estudos, eles retornaram para a Venezuela. Já havia uma promessa de trabalho como mecânico de uma organização que tinha aviões de pequeno porte. Porém, o retorno não foi o que esperavam, logo descobriram que os aviões estavam sem as peças adequadas, e por questões de segurança não deveriam estar em uso, mas o pressionavam a assinar autorizações de voo, e relatórios afirmando que a manutenção estava em dia. O pai de Carlos saiu desse emprego e procurou outras possibilidades. Além disso, o Carlos compartilhou um pouco sobre os desafios de navegar um local que deveria ser casa, mas já não era um lugar familiar, pois muito havia mudado. Ele se assustava com a inflação e o preço do pão mudar dependendo da hora do dia, de já não se sentirem seguros andando na rua após serem assaltados com arma branca após passaram por um banco a caminho do mercado, e como o ver sua mãe ser ameaçada, com a certeza de que se fizessem algo impulsivo ela morreria, e ser paralisado pelo medo diante da situação na qual se encontravam. A gota d’água foi quando entraram na sua escola com rifles, colocaram os alunos em uma única sala de maneira que parecia ser um sequestro, mas no final somente levaram os bens de valor dos alunos. Por um ano os seus pais procuraram possibilidades de emprego na América Central ou nos Estados Unidos, até que entraram em contato com uma organização cristã no Brasil que também usa aviões de pequeno porte, e foi ali que receberam uma oferta de emprego. Em 2020, três anos depois, retornaram à mesma cidade no interior de Goiás. Por falta de comunicação, eles não sabiam que se ficassem uma semana em Pacaraima podiam dar entrada nos pedidos de residência e emitir documentos brasileiros além

de receber todas as vacinas necessárias, mas com as passagens de ônibus compradas preferiram seguir viagem e resolver essas questões chegando a Goiás, onde o processo de emitir os vistos de residência foi um processo mais longo e mais caro.

1.2.5 Esperanza

A história da Esperanza é um pouco mais complexa e foi aos poucos que ela foi se abrindo e contando a sequência de eventos. Os seus pais estão separados e sempre tiveram um relacionamento tenso, ambos estavam vivendo e trabalhando no Brasil, enquanto ela e as irmãs viviam na Venezuela, na cidade de Puerto Ordaz, com uma tia e o companheiro da mãe apoiando-as, mas na prática viviam sozinhas. Ela explicou que o companheiro da mãe viajava ao Brasil e trazia o dinheiro para ajudar no sustento delas, mas foi o cuidado de outras pessoas da comunidade que fez com que elas continuassem a ter comida e nada faltasse. Quando ela tinha 14 anos, a mãe engravidou do companheiro, após uma das visitas dele ao Brasil, e resolveu voltar à Venezuela. Após o nascimento da sua terceira filha, ela decidiu migrar, vender a casa e recomeçar suas vidas no Brasil, porém o seu companheiro decidiu ficar na Venezuela. Esperanza tinha 15 anos quando migrou para o Brasil com sua mãe e irmãs, em 2019. Ao chegarem em Boa Vista não sabiam para onde ir e um amigo sugeriu de irem a Manaus, onde o pai de Esperanza vivia, com a ideia de estarem perto do pai, na esperança de que ele apoiaria no cuidado das filhas. Esse plano funcionou em parte, ela comenta que ele foi mais presente em alguns momentos, mas que continua sendo distante e eles têm um relacionamento difícil. No momento da entrevista ela já tinha 19 anos e estava vivendo com uma família que ela carinhosamente apelidou de "família do meu coração", uma família de brasileiros da igreja que frequenta e que a "adotaram" e acolheram dentro de sua casa, quando a sua mãe e irmãs mudaram para Curitiba buscando um novo começo em uma nova região e cidade, mas a Esperanza decidiu que queria construir sua vida em Manaus.

1.2.6 Heitor

O Heitor chegou ao Brasil em dezembro de 2019, com 17 anos. Antes dele migrar com sua família, o seu pai veio sozinho, e trabalhou por oito meses enviando

dinheiro para a família na Venezuela. Após esse período ele retornou à Venezuela e migrou ao Brasil com a família toda. Eles entraram com um visto de turista, mas ao receberem atendimento médico em Pacaraima também receberam orientações de como dar entrada em um pedido de residência. Como já estava com 17 anos e tinha finalizado os estudos na Venezuela, o Heitor foi para Boa Vista e encontrou um emprego, enquanto seus irmãos e pais seguiram para Goiânia, onde tinham conhecidos que os apoiavam. Após alguns meses o Heitor decidiu se reunir com a família e conseguiu um outro emprego, dessa vez em uma oficina mecânica, onde continuava trabalhando em 2023.

1.3 A Comunicação: Barreira ou Ponte a Partir Dessas Trajetórias Migrantes?

Nos relatos desses seis migrantes, o desafio da comunicação ao chegar no Brasil foi uma das primeiras barreiras que encontraram. O não falarem o português impactou as suas vidas no momento de pegar transporte e se locomover na cidade, no processo de conseguir um emprego, alugar uma casa ou apartamento, serem matriculados em uma escola, e até por não conhecerem seus direitos e serem explorados no trabalho. Um relato que destaque é o da Esperanza, quem chegou em Manaus com 16 anos e não sabia andar de ônibus, não entendia como funcionava o transporte público e não conseguia falar português o suficiente para receber ajuda. Como os pais não podiam acompanhá-la todos os dias até a escola decidiram que alguns dias a colocavam em um Uber. Mas ela depois comentou que não se sentia confortável, os motoristas faziam perguntas intrusivas de caráter xenofóbico e sexual, até que uma vez um motorista perguntou se ela não estava interessada em se casar com um homem mais velho, ele tinha mais de 60 anos e ela de nervoso e por não saber falar muito português começou a rir, e o motorista continuou com essa conversa até ela chegar na escola. Depois disso ela tentou de novo pegar transporte público, e foi de ônibus, mas pegou o ônibus errado e foi na direção contrária da que deveria, quando ela percebeu desceu do ônibus e voltou andando, ela relembra como era desesperador não conseguir fazer algo simples como pegar um ônibus e quando conseguiu chegar na escola estava duas horas atrasada e chorando tanto que nem conseguia falar para explicar o que havia acontecido e a secretaria da escola não deixou que ela entrasse devido ao atraso e a deixou sentada por uma hora antes de dar uma solução ou tentar entender o que havia acontecido. O que ela esperava que

fosse algo simples, o se locomover na cidade, se tornou algo complexo e quase impossível por ela não conseguir se comunicar em português e a solução de então ir de Uber a colocou em situações de desconforto e vulnerabilidade, sofrendo mais de um assédio sexual.

A Gabriela trabalhou como garçoneite, mas não sabia falar português, nada além do “olá, tudo bem? Sejam bem-vindos! Qual o seu pedido hoje?”. Ela explica como andava com um caderno e anotava o que ouvia, mas não entendia, tentando registrar os sons para repetir e enviar o pedido para a cozinha, mas ela errava a maior parte dos pedidos e todos os dias o gerente gritava com ela por não conseguir fazer algo simples como anotar os pedidos. Ela permaneceu nesse trabalho até conseguir manter conversas em português, quando conseguiu um emprego melhor, com carteira assinada.

O primeiro trabalho da Fabiana foi como babá, trabalhando em troca de moradia e comida, e a sua chefe não queria que ela aprendesse o português, pois insistia que era uma perda de tempo e ela nunca aprenderia a falar. Mas Fabiana conta que quando conseguiu se comunicar em português, saiu desse trabalho e conseguiu trabalhar em outro local onde recebia um salário melhor, pôde alugar um apartamento e pela primeira vez na vida tinha seu próprio espaço com geladeira e fogão. O falar português permitiu que ela saísse de uma situação de exploração e violência, entendesse melhor seus direitos e encontrasse outras oportunidades.

2. O PLAc. Uma proposta de acolhimento linguístico.

2.1 O que seria um acolhimento linguístico?

Proponho que a primeira barreira ou ponte para a inserção de imigrantes à sociedade receptora seja a língua, pois a comunicação na língua da sociedade receptora, neste caso o português brasileiro, atravessa várias dimensões da inserção social. No caso de imigrantes e refugiados venezuelanos no Brasil, o uso de português brasileiro é essencial para se comunicar é necessária para acessar os serviços de obtenção de documentos, ir a supermercados, procurar atendimento médico, circular pelas ruas, matricular os filhos nas escolas e trabalhar (onde há também a complicação da linguagem técnica específica de cada profissão). Em algumas comunidades migrantes, há grupos que se formam por território e/ou aproximação étnica ao procurarem no outro a convivência com o familiar que deixaram para trás e ao qual talvez não tenham retorno. Esses grupos podem ser vistos como “pontes” que oferecem linguístico, como por exemplo em sua atuação como intérpretes comunitários, e oferecem aos migrantes de seu grupo uma conexão e um suporte a acesso a esses serviços básicos e espaços de sociabilidade (Veras, 2017). O desconhecimento da língua além de representar um obstáculo à comunicação, também dificulta o conhecimento e acesso a direitos civis e sociais, e a barreira linguística que os conecta a seus grupos e comunidades étnicas os afasta daqueles que não o entendem, fazendo com que sejam rejeitados (Cabete, 2010).

Todo aquele que chega a um novo país, traz consigo a sua identidade cultural, a sua língua materna, o seu trajecto vivencial e a expectativa de uma vida diferente, independentemente do período de tempo que tenciona ficar. Toda esta “bagagem” que o imigrante carrega consigo caracterizá-lo, de imediato, como um elemento que se diferencia dos cidadãos do país que o acolhe.

Cabete, 2010, p.45

A bagagem cultural que os imigrantes trazem os diferencia e distancia, mas o ensino do português com a proposta metodológica “Português como Língua de Acolhimento (PLAc)” é formulado como ferramenta de inserção e acolhida. Esta é uma política linguística do governo de Portugal criada em 2001, junto com o programa institucional: *Português para Todos*, que oferece cursos de português e cursos

profissionalizantes para imigrantes e refugiados, o qual consiste em três etapas ou momentos: língua portuguesa, cidadania e português técnico (AMADO, 2013, p 44). Cabete (2010), afirma que mesmo quando o migrante aprenda a língua do país de acolhida (o português), ele mantém a sua língua materna, a sua bagagem cultural e a sua identidade, e não haveria uma assimilação da cultura dominante. Porém, quando essa política linguística foi trazida e implementada no Brasil, por meio do trabalho de ONGs que reconheceram a importância do ensino de português, houve uma problematização maior sobre o como se implementam essas políticas linguísticas. Será possível afirmar que não há um processo de assimilação quando as aulas sobre cidadania e cultura portuguesa, tem o objetivo de que o imigrante/refugiado aprenda a se comportar como um português, como um nativo? Quando a cidadania está condicionada à proficiência no português, formula-se uma política migratória violenta (Anunciação, 2018, p.44) cujas origens se encontram na própria concepção do conceito de Estado-nação, com uma política colonial onde a homogeneização linguística é uma estratégia central (Guth, 2020), pois,

A formação do conceito de Estado-nação, desenvolvido na Europa, prezava por uma unidade política que pudesse delimitar e controlar as colônias europeias. Essa dominação se dava por marcadores de poder que pudessem promover indicações de pertencimento. Entre os marcadores usados estavam os fatores físicos e biológicos, a ancestralidade, fatores com culturas e histórias em comum, a religião e a língua (SHOHAMY, 2006). Dessa forma, a língua passou a ser interpretada como uma indicação poderosa de pertencimento a um determinado grupo (ou nação) e uma forma de identificação para inclusão e/ou exclusão. É por isso que a formação do Estado-nação é considerada o princípio organizacional chave para a homogeneização linguística e cultural em seus territórios, visto que fez da língua uma ferramenta para ações políticas e opressivas a fim de manipular e controlar a ordem social entre as nações e, como consequência, entre as vidas dos sujeitos.

Guth, 2020, p34

A língua então foi (e continua sendo) uma ferramenta de conquista e colonização, na linha do “extermínio, logo existo” (Grosfoguel, 2013), onde por meio da formulação de um “português correto”, com a perpetuação do mito de que o português brasileiro é homogêneo, um mito central para entender o preconceito linguístico e suas consequências (Bagno, 1999). Ao buscar implementar um ensino de português prático e voltado à realidade que os alunos enfrentam ao sair da sala de aula, o PLAc contextualizado no Brasil procura trazer uma metodologia e abordagem

pedagógica diferente, não há um enfoque tão grande em um domínio formal da língua, de ensinar a gramática e sintaxe para que os alunos aprendam a se comunicar.

o PLAc caracteriza-se como uma prática orientada para a ação em que “ensinante e aprendente cooperam e aprendem juntos (...) e integram-se pelo bem-estar e pela confiança” (GROSSO, 2010, p. 71), por meio de uma cultura de ensino que privilegia a participação e que “propõe a abrir-se à compreensão do outro.” (p. 74). Trata-se de uma prática que considera as questões psicossociais e discriminatórias pelas quais sofrem os aprendizes e que abrange competências comunicativas em diferentes níveis.

Silva, et. al., 2020, p 127

O objetivo é que os alunos encontrem dentro da sala de aula cenários que refletem o que acontece no seu cotidiano e possam imediatamente colocar em prática aquilo que estudaram. Por exemplo, quando os professores preparam uma aula sobre trabalho, o objetivo é de que os alunos consigam sair da sala de aula e ir procurar um emprego, em sala de aula preparam um *Curriculum Vitae*, escrevem uma carta de apresentação, praticam o ler um anúncio de uma vaga de emprego e identificar as informações relevantes, conversam sobre como se posicionar em uma entrevista de emprego e negociar o salário.

2.2 O PLAc: experiências como professora de Português como Língua de Acolhimento

A minha experiência como educadora no curso de "Língua Portuguesa, Cidadania e Cultura Brasileira Para Refugiados E Migrantes", me proporcionou um olhar desde dentro dos desafios da metodologia PLAc na prática como professora, as complexidades do ensino híbrido as limitações dessas propostas de aprendizado e ensino, e os desafios das interações de diversos órgãos da sociedade civil com seus voluntários, os desafios que alunos enfrentam para aprender o português e estar presente nas aulas, pois eram online e aconteciam durante a semana de tarde e à noite.

As aulas que ocorriam de forma híbrida, para Mulheres na Casa de Acolhida São José em Pacaraima, tinham uma duração total de uma hora, mas o tempo de aula

variava muito a cada semana. Às vezes havia atrasos para entrar na videochamada, ou tínhamos problemas com a conexão e microfone, o que fazia com que fosse quase impossível entender o que as alunas falavam. Como a casa recebia mulheres e crianças por um curto período, de uma semana a três meses, sempre havia novas alunas e isso se mostrou um grande desafio - como ter uma progressão e constância quando há alunas novas toda semana? Uma estratégia que implementei para engajar as alunas e de início entender qual era o nível de cada aluna, foi o fazer a lista de chamada com atenção, isso nos levava de 5 a 20 minutos dependendo do dia, mas percebia que era importante elas se apresentarem, e ia anotando os nomes. No decorrer das aulas eu fazia questão de chamar cada uma delas pelo menos uma vez, pedindo que interagissem e se envolvessem na resolução de algum exercício. Algo interessante foi ver como as que já estavam a mais tempo na Casa, tomavam iniciativa e iam explicando para as outras como fazer os exercícios que elas não entendiam. E às vezes até agiam como intérpretes dentro da sala de aula, explicando os significados das palavras. No final de cada aula fazíamos exercícios focados na pronúncia. O espaço da sala de aula trouxe à tona compartilhamentos de histórias pessoais, a partir dos exercícios de completar frases e/ou conjugar verbos colocando seu próprio exemplo. O processo de aprender uma nova língua vai muito além de apenas o diálogo, os códigos mudam, o jeito de andar, se vestir, trabalhar, é tudo novo e estranho. Algumas alunas disseram sentir que eram crianças de novo, e precisavam aprender a falar e andar, do zero mais uma vez.

Havia uma idealização de que os alunos deviam aprender um *português correto*, e falar de um certo jeito que fosse o mais "nativo" possível.

Equivocadamente, muitos idealizadores de cursos de português para falantes de outras línguas esperam que seus alunos adquiram um nível de proficiência equivalente ao de um "falante nativo" ideal da variedade considerada padrão dessa língua, sem entender que isso é uma impossibilidade, considerando por exemplo, que esses alunos se apropriam da língua adicional a ela incorporando aspectos de sua cultura interacional de origem.

Anúnciação, 2018, p.36

Essa idealização trouxe situações de tensão entre a coordenadora que era paulista e as professoras que eram gaúchas, pois a coordenadora do projeto as proibia de usar ou ensinar conjugações verbais com "tu", argumentando que era um

português feio e não devia ser mencionado, insistindo que só podíamos ensinar o "português correto" até que os alunos falassem "perfeitamente".

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é português".

Bagno, 1999, p 38

Lembro que isso me chocou pois tudo que havia entendido sobre a proposta do PLAc era o oposto dessa ação, que o objetivo seria o ensino voltado à comunicação, e que no aprendizado os alunos iriam construir suas identidades linguísticas particulares (ANUNCIAÇÃO, 2018, p 36). Ou seja, o objetivo era que pudessem se comunicar e se integrar às comunidades locais, tendo acesso a trabalho digno, moradia, saúde e questões legais (documentos) sem precisar de um intérprete acompanhando-os porque o português que eles aprenderam era suficiente para navegar nessas situações. No nosso papel como professores, precisamos ter empatia, e reconhecer que cada aluno vem carregando consigo bagagens culturais, percepções pré-definidas e histórias de vida diferentes, o importante é que eles tenham as ferramentas para navegar a sua nova vida em outra língua, não que eles saibam todas as conjugações do pretérito imperfeito. Pois a língua e a gramática normativa não são a mesma coisa, assim como a receita de um bolo não é o bolo, e um mapa-múndi não é o mundo (Bagno, 1999, p9). O que seria o falar "nativo"? O falante "nativo" fala, cria e formula sem pensar, o que é um processo automático, internalizado e incorporado.

Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.

Bagno, 1999, 33

Conecto essa definição de Bagno com o conceito de habitus linguístico, pois

Todo ato de fala e, de um modo geral, toda ação é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições, socialmente modeladas, do habitus linguístico, que implicam uma certa propensão a falar e dizer coisas determinadas (interesse expressivo), definida ao mesmo tempo como capacidade linguística de engendramento infinito de discursos gramaticalmente conformes e como capacidade social que permite utilizar adequadamente essa competência numa situação determinada; do outro, as estruturas do mercado linguístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas.

Bourdieu, 2022, p 24

Para que um modo de expressão entre outros (uma língua, no caso do bilinguismo, uma utilização da língua, no caso de uma sociedade dividida em classes) sem imponha como único legítimo, é preciso que o mercado linguístico seja unificado e que os diferentes dialetos (classistas, regionais ou étnicos) estejam praticamente referidos à língua ou ao uso legítimo. Enquanto produto da dominação política incessantemente reproduzida por instituições capazes de impor o reconhecimento universal da língua dominante, a integração numa mesma "comunidade linguística" constitui a condição da instauração de relações de dominação linguística.

Bourdieu, 2022, p 32

O imigrante, ou todo aquele que aprende uma língua adicional, está aprendendo as estruturas de fala, mas não a incorpora no mesmo processo que o falante "nativo", e, portanto, continua numa posição de alteridade não importa o quanto aprenda a falar a norma culta, pois a língua legitimada estrutura e classifica as classes a partir do que é considerado o uso legítimo da língua. Será que podemos nomear a língua como um capital cultural? Onde o habitus linguístico diferencia o falante nativo, considerado legítimo, e dominante, do falante estrangeiro que adquire esse habitus em outro momento. Enquanto ele pode adquirir um domínio da fala e gramática normativa, permanece como o de fora, o estrangeiro.

2.3 O (não) falar português, os desafios de aprender uma nova língua

Os migrantes entrevistados não tiveram aulas dentro de um programa linguístico de PLAc, e aprenderam o português indo a uma escola nacional (Carlos, Esperanza e Heitor) ou por estudo independente, ouvindo músicas e assistindo vídeos no Youtube. Quando perguntei como as pessoas ao seu redor interagiam com eles

quando chegaram no Brasil e ainda não sabiam falar a língua, recebi respostas mais positivas do que esperava. Eles relataram que as pessoas no trabalho e na escola tinham paciência e achavam legal que eles estavam tentando aprender, e que foi um processo complicado, mas que o segredo foi ouvir muito português e tentar falar, ir testando e errando, mas que não havia problemas. Porém, no meio da conversa apareciam os comentários de situações negativas, ditos como algo que queriam ignorar e esquecer, mas que continuava incomodando a eles.

O Heitor trabalha em uma oficina mecânica e disse que há clientes que se recusam a ser atendidos por ele, reclamando que não falam espanhol e insistindo que ele não sabe falar português, e se recusam a continuar a conversa. Ele insistiu que essa situação acontece com a minoria dos clientes, e insistiu que logo vai falar igual brasileiro, e vão tratar ele como um brasileiro e por isso ele só tem amigos brasileiros. O seu processo de aprender o português foi ouvindo músicas, assistindo aulas de português no Youtube, e trabalhava com um caderno e caneta para ir anotando as palavras que não entendia e chegando em casa pesquisava o significado e praticava a pronúncia. Mas na questão de pronúncia, ele contou que passou por umas situações difíceis ao tentar soletrar as letras das placas de automóveis, por exemplo teve uma placa que tinha as letras Q (quê) e Z (zê) uma depois da outra e as pronunciou em espanhol: Q (cu) Z (zeta), é autoexplicativo o porquê a situação foi engraçada e causou constrangimento até que os dois lados entendessem o que tinha acontecido era ele ter pronunciado o nome das letras em espanhol. No decorrer da entrevista ele só falou em português, em nenhum momento usando palavras em portunhol ou espanhol, e na análise de repetições identifiquei que ele usou sessenta gírias (coloquialismos do português), nos outros momentos a sua fala seguia a norma culta do português.

O Bruno por outro lado, durante a nossa conversa falou usando portunhol, se expressando com algumas palavras em português, mas a maioria em espanhol, e na metade da conversa pediu se podia continuar só em espanhol, e ele não usou gírias brasileiras. Ele é casado com uma brasileira que fala espanhol, e na igreja onde trabalha pode falar em espanhol e quando necessário tem intérpretes disponíveis. Ele em um certo momento da entrevista perguntou se eu dava aulas particulares de português pois queria fazer o exame Celpe Bras para dar entrada no pedido de naturalização, passei a ele informações de diferentes programas linguísticos que oferecem aulas de português com o objetivo de passarem nesse exame.

A Fabiana aprendeu o português com o aplicativo Duolingo, e explicou que a motivação foi ver que os tios não aprenderam o português após dez anos vivendo em Manaus, e disse "tu tá na terra deles e tu tem de falar, é o básico!", então começou a estudar. Uma grande ajuda foi a comunidade da igreja, uma comunidade brasileira onde só falavam português e a corrigiam quando falava algo errado, encorajando-a a continuar aprendendo ("enquanto estiver ouvindo e tentando falar, é legal"). O desafio atual dela é o de estar casada com um brasileiro que não fala espanhol e acha que ela está sendo grossa quando na verdade ela está tentando ser cuidadosa com as palavras, mas que ao traduzir na cabeça o que ela falaria em espanhol soava rude em português. Após a análise da transcrição da entrevista, achei interessante que ela falou somente cinco palavras em espanhol, sete em português e cinquenta vezes usou gírias na sua fala. Ela usou o espanhol e português ao falar da família e sobre sua gravidez, de trinta semanas naquele momento, e os receios que tinha da perspectiva de ter um filho longe da sua mãe e como seriam os desafios de sua filha crescer em uma cultura diferente da sua.

A Gabriela compartilhou receios parecidos quanto a ter uma filha nascendo em território brasileiro, quando conversamos a sua filha já tinha quatro anos, estava na creche e só falava português. O processo de aprendizado da língua é diferente para adultos e crianças, e Gabriela explicou que no início, em 2019, trabalhava em uma churrascaria e não falava nada, então anotava muitos pedidos errados e sofria com o gerente e clientes brigando com ela, mas com o tempo ela foi aprendendo. Em 2023 ela tinha um emprego de telemarketing e atendimento ao cliente, onde só usava o espanhol e inglês, então às vezes a filha corrigia o que ela estava falando e como pronunciava as palavras. Mas ela estava preocupada com a filha não aprender o espanhol, e como encorajá-la a falar mais em espanhol e não só responder em português quando falavam com ela em espanhol. Logo depois ela explicou que na verdade, ficava receosa de a filha não aprender espanhol já que legalmente ela é brasileira (não tinha documentos venezuelanos), e não ter algo que a conectava com sua terra natal, a qual Gabriela ainda sonha em poder voltar. No decorrer da entrevista ela falou vinte vezes em espanhol, se comunicou trinta vezes com português e usou gírias quarenta vezes. Uma das situações de violência simbólica que ela passou foi lhe falarem: "*você não vai conseguir trabalho, tem de mudar esse sotaque*".

Falando de sotaques, uma das primeiras coisas que a Esperanza me disse foi: "amo seu sotaque, o sotaque paulista é tão bonito, queria aprender a falar assim". Ela

vive em Manaus, onde foi à escola e aprendeu português e contou que o seu desejo de falar como paulista apareceu após viver um período em Curitiba e receber muitos comentários sobre seu sotaque ser "estranho", e não o mais bonito, decidindo então que ia ouvir podcasts e vídeos de paulistas para aprender a falar desse jeito. Quando perguntei sobre o processo de ir à escola, ela falou que os colegas a acolheram bem e que recebia muito apoio para aprender o português, fazer as tarefas de casa e no processo também aprendeu muitas gírias e expressões que não podia repetir em outros locais. Na análise das entrevistas ela foi a que mais usou gírias na sua fala, com cento e cinquenta ocorrências, e em sete momentos ela falou em espanhol quando narrava a situação da família na Venezuela e como tomaram a decisão de migrar, em nenhum momento falou em portunhol.

O Carlos, que também veio ao Brasil quando criança e depois adolescente, contou que na escola foi bem recebido, se sentia uma celebridade, porque ele e os irmãos eram os únicos estrangeiros e todos queriam conversar com eles, conhecê-los e interagir, mas a novidade passou depois de alguns meses e já não recebiam tanta atenção. Ao estar indo à escola ele aprendeu a falar o português culto, seguindo as normas cultas da língua e escrevendo, mas também sabia falar o português coloquial, aprendeu as gírias com os amigos. Isso foi o que lhe causou estranhamento quando voltaram à Venezuela por três anos, e ao migrar de novo pro Brasil, ele se lembrava de como falar em português, mas todas as gírias que conhecia já eram antigas e os seus amigos achavam engraçado como ele usava expressões antigas e falava um português muito correto (seguindo as normas cultas de como falar e não soava natural). Ele falou em espanhol em dois momentos por não saber a palavra em português, não usou portunhol e usou cento e doze gírias.

A decisão de quantificar a linguagem utilizada durante as entrevistas partiu de uma proposta de observar como a aquisição de gírias (ou coloquialismos) parte da convivência e aquisição da língua por meio de interações sociais, eles aprendem o português dos espaços que transitam, dos grupos com os quais interagem e das comunidades onde se inseriram. Por meio do trabalho ou escola adquiriram e implementaram vocabulário técnico e específico, pois são palavras do seu cotidiano. O Carlos e o Heitor têm domínio de um português técnico sobre mecânica e ferramentas ou maquinário que se encontra em uma oficina. Enquanto a Esperanza trabalhou como assistente de dentista e consegue se comunicar e explicar procedimentos cirúrgicos dentais, com uma riqueza de detalhes e em português,

utilizando palavras que eu não sou familiarizada, pois não é minha área de conhecimento. Destaco essa questão pois me chama a atenção, como o processo de aquisição de uma nova língua é conectado com os grupos e espaços que os alunos transitam, pois pela convivência eles aprendem palavras técnicas e gírias, vocabulários que retirados do contexto em que estão inseridos as vezes perdem o sentido.

3. Alteridade e Diáspora

3.1 A construção do outro

Quando estudamos fluxos migratórios se percebe a construção de uma barreira, separação, a divisão entre eles e nós -os regionalismos, em que região você vive ou da qual provêm e como onde você reside estabelece relações de alteridade. Então, quem é esse Outro?

The being who is external to oneself yet reflection of oneself.

Neal Ascherson, In: Other by Ryszard Kapuscinski, 2018, p.8

É o ser externo que é um reflexo de nós mesmos, como disse Ascherson (IN: Kapuscinski, 2018, p.8), e a construção do outro é a partir do que não entendemos, o diferente que reflete para nós aquilo que não queremos discernir em nós mesmos e traz um incômodo, de maneira que o encontro com o outro se torna um enigma, de qualidade desconhecida (Kapuscinski, 2018, p.15). Na sua concepção, o conceito do outro referia-se a não europeus, desde uma perspectiva europeia, mas agora as relações e os fluxos migratórios se estenderam de forma extensa e variada (Kapuscinski, 2018, p.41), e relações com o outro, ou seja, relações de alteridade se estabelecem em muitas combinações, são relações binárias que se estabelecem, os nativos e os estrangeiros, o cidadão e o imigrante (notando que a cidadania é condicionada ao cumprimento de certos deveres), os brasileiros e os venezuelanos. O outro é o nosso vizinho, que fala outra língua, têm comidas e paladares diferentes, e eu sou o outro desse outro. A alteridade se estabelece nessa construção, que implica o conhecimento da identidade, pois é no reflexo do outro que ocorre a identificação ou rejeição, pois

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

Hall, 2020, p16

Essa política da diferença não se trata de uma simples diferenciação binária caracterizada por absolutos, o *différance* é um conceito de Derrida que traz um sistema de ondas onde as similaridades e diferenças se encontram (Hall, 2020, p.67).

No decorrer das entrevistas, a construção do outro apareceu nas falas sobre a comunidade. Bruno, como pastor em uma Igreja evangélica de São Paulo, encontrou um pertencimento e espaço no grupo, ele falava da sua comunidade usando “nós” enquanto explicava o trabalho que realizam em comunidades próximas. O uso do nós (ao referir-se a sua comunidade aqui no Brasil) me chamou a atenção quando ele começou a contar sobre a família e amigos na Venezuela, e os caracterizava como os “outros”, ele já não expressava uma sensação de pertencimento a comunidade da qual saiu e a que ficou na Venezuela. O Bruno expressou um pertencimento à sua comunidade cristã em São Paulo. Porém, o se sentir pertencente a um espaço não significa que ele deixa de ser o estrangeiro ou um venezuelano residindo em território brasileiro. Há relações de alteridade que permanecem e se perpetuam, fazendo o se sentir em um não-lugar, entre dois espaços aos quais não pertence totalmente, e nas relações construídas com sua comunidade ele navega essa sensação de querer retornar a um local no qual não há retorno, pois esse local já não existe, e o tentar pertencer a um local onde por sua forma de falar o identificam como o de fora. Navegar esses desafios de pertencimento não foi algo trazido a entrevistas somente pelo Bruno, os seis entrevistados trouxeram em seus relatos essas questões e cada um lida com essa busca por um local de pertencimento de uma forma um pouco diferente.

3.2 O desejo de falar como nativo: inserção ou assimilação?

O Bruno e o Heitor expressaram um desejo de se naturalizar, uma forma de inserção mais “permanente” na sociedade receptora (neste caso Brasil), mas é interessante destacar que esse desejo parte de justificativas diferentes. O Bruno quer um passaporte para ter mais liberdade de movimento internacional. Por outro lado, o Heitor diz que deseja ser "*reconhecido como brasileiro*", além de falar o português brasileiro como um brasileiro, ele deseja ter os documentos que lhe dão esse status.

No Brasil, há duas formas de aquisição da nacionalidade brasileira: a originária ou primária, adquirida por força no nascimento no país ou de pais brasileiros, e a secundária, obtida por uma pessoa que originalmente possuía nacionalidade distinta ou nenhuma nacionalidade.

(Defensoria Pública Da União; Organização Internacional Para As Migrações, 2022, p. 15)

A política migratória brasileira condiciona o processo de naturalização (tornar-se legalmente cidadão brasileiro) a apresentação de um certificado reconhecido pelo MEC (seja o CELPE-BRAS -Certificado de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros -, um diploma de conclusão de ensino médio ou ensino superior) que comprove um domínio formal do português, limitando o acesso ao exercício da cidadania à língua (Anuniação e Camargo, 2019). Podemos entender que a naturalização implica uma inserção à sociedade por um processo de assimilação conservador, onde sua identidade étnica é deixada de lado para se incorporar ao mainstream (Truzzi, 2012)? Pois está condicionada a um parâmetro de análise: o domínio formal da língua delimitado por um exame de proficiência que quantifica o domínio de sintaxe e gramática, e não somente a habilidade de se comunicar. Seria o falar como um "nativo" um parâmetro? E quando esse falar como nativo é um ideal inalcançável pois há um habitus linguístico que diferencia e classifica o nativo e estrangeiro? São, portanto, políticas que silenciam e apagam as identidades culturais, perpetuando e incentivando um processo de homogeneização e assimilação, o qual condiciona a inserção social desses imigrantes no país de recepção ao "domínio" da língua nacional (Anuniação, 2018, p 45), neste caso o português brasileiro. Essa política migratória se torna uma política de gatekeeping (Anuniação, et.al, 2019) que dificulta o acesso ao direito de cidadania enquanto se formula e apresenta como política de cuidado e inserção, enquanto traz exclusão. Um desafio da formulação de políticas de acolhimento ou integração de refugiados é que não há um consenso na definição desses conceitos (Ager e Strang, 2008) e, portanto, não há uma única linha de ação em como elas são formuladas e propostas.

A migração não apenas transforma aqueles que estão em movimento, mas também a sociedade onde se inserem, e por isso é importante falar sobre a formação da identidade nacional em meio a globalização e migrações, pois hoje em dia as nações modernas são híbridos culturais e a identidade nacional passa a se confundir com a identidade cultural (Queiroz, 1989; In: Vieira, 2009, p.65). De acordo com Vieira (2009, p 63), o Brasil tem um mito da identidade cultural unificada, porém as nações modernas são híbridos culturais, e há uma certa confusão com identidade nacional e identidade cultural (Queiroz, 1989, In: Vieira, 2009, p.65), onde o conceito de nação

oculta a diversidade, e o ressurgimento de identidades culturais se contrasta com o enfraquecimento da identidade nacional (Vieira, 2009, p.66). As migrações trazem à tona essas questões de identidade e a violência xenófoba, onde o ódio ao diferente e ao de fora se expressa e é justificado por uma narrativa de igualitarismo abstrato (Rouanet, In: Vieira, 2009, p.17). Observamos que há então a criação de políticas de inclusão precária e marginal, onde a sociedade exclui, desenraiza e brutaliza, para depois incluir de acordo com a sua própria lógica, “é o modo de vida do excluído que não consegue ser incluído” (Veras, In: Sawaia (org.), 2017, p.41).

Retomando o comentário de Heitor sobre falar como brasileiro, me chama a atenção esse desejo de o jeito de falar, a busca de ser reconhecido como um “nativo”, como brasileiro. Ou o comentário da Esperanza de querer aprender a falar como paulista, pois considera que esse é o português mais bonito, comentário que o que Bagno (1999) denomina um dos mitos do preconceito linguístico, e cria classificações na forma de falar, revelando as relações de poder que se estabelecem na fala, (Demaroni, 2004), sejam elas entre os próprios brasileiros, entre brasileiros e venezuelanos, ou até entre os venezuelanos.

3.3 Onde que é casa?

*Quando entrei no táxi em Pacaraima, o taxista falou "Bom dia" e quase chorei,
porque estava em casa*
- Carlos

Ouvir o português o fez se sentir em casa! Essa era a segunda vez que Carlos migrava ao Brasil junto com a família. Como relatado no primeiro capítulo, eles retornaram à Venezuela após o seu pai finalizar os estudos, e o retorno à Venezuela trouxe desafios inesperados, além de insegurança física e financeira, o local que devia chamar de casa lhe era desconhecido, ele disse "*o país tinha mudado bastante, era um outro país*²³". No seu país de origem ele é visto como outro e estrangeiro pois seu falar espanhol já era diferente; e três anos depois a família decidiu migrar de novo e

²³ Trecho da entrevista com Carlos (nome fantasia).

retornar ao Brasil²⁴, trazendo a Carlos uma sensação de retorno ao conhecido, ou até um retorno à casa, porém uma casa na qual ele continua sendo o estrangeiro. E ouvir o português o faz se sentir em casa! Então o que é casa? Como definir esse conceito quando não há retorno a não ser ao local de nossas memórias?

Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que 'a identidade cultural' carrega consigo tantos traços de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos 'pensar' as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença e disjuntura?

Hall, 2020, p.30

Propondo pensar o êxodo de venezuelanos como uma diáspora, entra a questão do retorno e o que é casa. A diáspora ou movimento de êxodo, carrega em si o desejo de retorno, porém, não há local ao qual retornar, pois as memórias criaram uma ideia de um local que já não existe mais (Hall, 2013). Há uma dualidade em ser imigrante e emigrante, uma ambiguidade que o deixa preso em um “não-lugar”; a sociedade que o despediu espera um retorno e a sociedade que o recebe também o vê nessa provisoriedade e a prolongará, pois não deixa de vê-lo como um estranho, quase que intruso (Sayad, 1998). Moraes Silva (2020, p.237) propõe que estamos diante de uma tripla negação, pois o migrante não está mais no local de origem onde deseja retornar e já não existe, não está no presente onde não é reconhecido, por mais que se sinta em casa, e não se reconhece ao habitar esse não lugar. Essas questões me incomodam e me trouxeram uma certa melancolia e resignação, até deparar-me com uma nova perspectiva de pensar essas questões: a tradução,

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente as suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens, das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias 'casas' (e não a uma 'casa' particular). As pessoas pertencentes a essas

²⁴ Uso aqui a palavra retornar pois foi a escolha de palavras que ele usou ao falar sobre essas decisões dos pais de mudar para a mesma cidade onde tinham vivido em um período anterior (de 2012 a 2017)

culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural 'perdida' ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas. A palavra "tradução", observa Salman Rushdie, "vem etimologicamente do latim, significando 'transferir', 'transportar entre fronteiras'".

Hall, 2020, p.52

O imigrante atravessa fronteiras, alguns vão ficar presos nas memórias do passado e no desejo de retorno, mas outros constroem casa nesse novo local, pois pertencem a várias casas e encontram locais de pertencimento nesse processo. O Carlos encontrou uma casa na língua portuguesa, ele se sentiu em casa ao ouvir o português e apesar dos desafios, encontrou um local no qual pertencer e isso me dá esperança, é possível recomeçar e encontrar locais de pertencimento em terra estranha.

3.4 O que ainda preocupa?

A última parte das entrevistas com o grupo eu perguntei "*o que mais te preocupa sobre ser imigrante no Brasil?*", pois queria ouvir sobre as preocupações e angústias do grupo entrevistado. Em um primeiro momento pensei que iriam compartilhar um desejo de retornar a sua pátria de origem ou a preocupação que tinham por familiares e amigos que decidiram continuar residindo na Venezuela, ou migraram para outros locais. A primeira resposta, de Bruno, foi nessa linha, porém as outras preocupações e medos abordaram questões variadas, e até apareceram preocupações sobre o futuro do Brasil após o resultado das eleições de 2022, com Lula sendo reeleito. Reconhecendo que esse grupo não reflete características dos migrantes venezuelanos no Brasil nem se aproxima de ser uma amostra, eu gostaria de compartilhar o que são as preocupações de cada um deles, algumas das questões que lhes trazem insônia e desconforto.

Bruno

Inicialmente disse que não tinha preocupações e queria finalizar a entrevista em um tom mais positivo, porém quando refiz a pergunta em espanhol, ele respondeu e falou mais. Ele disse que a sua maior preocupação é a família e amigos que ainda

residem na Venezuela, e perguntou se sentia isso quando vivia no exterior como imigrante, pois entendia a dor de receber as notícias de doença ou instabilidade e não estar perto para ser apoio ou poder ir ao funeral se alguém faleceu. Ele continuou e disse que às vezes se sente culpado de viver uma vida confortável em São Paulo e parou de usar as redes sociais, ele não podia colocar fotos de lugares que visitou, viagens que faz ou comidas boas que pode comer! Pois o viajar, ou ir a restaurantes se tornaram luxos que sua família e amigos na Venezuela não tem mais, e sente que seria insensível compartilhar esses detalhes da sua vida.

Carlos

Ele relatou que fica às vezes com medo de dizer que é venezuelano, pois ultimamente tem recebido respostas violentas, as pessoas olham para ele de maneira estranha ou mudam a postura assim que ouvem ele se apresentar como venezuelano. Ele explicou que a mudança foi muito abrupta nos últimos anos, antes as pessoas achavam legal saber que ele é venezuelano, alguns até perguntavam sobre pontos turísticos ou comidas que ele sente falta. Mas com a crise política e econômica que levou a um aumento significativo no fluxo migratório, percebeu que há uma certa "má fama". Agora lhe perguntaram se todo venezuelano é violento ou de mau caráter e às vezes olham para ele com desconfiança, ele expressou grande frustração de como um grupo de pessoas que criou problemas fez com que se criasse uma percepção de que os venezuelanos não são confiáveis e devem ser evitados. E isso o deixa triste e lhe traz angústia quanto ao futuro, ele quer se orgulhar de sua pátria, mostrar a bandeira e dizer: "sim, eu sou da Venezuela", mas devido a tantas respostas negativas, ele não mais consegue expressar esse sentimento.

Esperanza

As angústias da Esperanza eram mais subjetivas, ela respondeu que seu maior medo é o de fracassar ou não conseguir fazer algo, e a julgar por ser venezuelana. Dando exemplos ela explicou que temia não falar o português "bonito" e achava feio como outros venezuelanos falavam e por isso preferia não falar nada do que falar o que ela percebia como uma fala "feia" ou "errada". A angústia dela no momento da entrevista

era o falhar no vestibular, ela recebeu muito apoio de sua família adotiva, estava no cursinho e tinha saído do trabalho como assistente de dentista para poder continuar estudando. E devido a esse grande apoio ela sente uma pressão maior para não falhar, o desafio é que ela decidiu prestar para o curso de Medicina. As preocupações dela eram sobre o futuro e a possibilidade de fazer faculdade ao passar no vestibular.

Fabiana

As preocupações da Fabiana eram quanto ao futuro do filho, ela estava de repouso pois era uma gravidez de risco. Suas preocupações eram dar a luz a um bebê saudável e conseguir chegar até o fim da gestação, e depois disso havia dúvidas e medos sobre criar um filho longe de sua cultura e longe de seus pais. Ela expressou que era grata pela família do marido, que a estava acompanhando e levava comidas, mas sentia falta da comida de sua mãe, dos sabores que não encontra aqui no Brasil. Uma outra angústia eram as incertezas de o que significa criar uma criança entre culturas, se ela iria ensinar ao filho sobre a história e cultura da Venezuela? Ou se iria falar somente sobre o Brasil, já que ele vai ser brasileiro e filho de um brasileiro! Essa linha de pensamento trouxe outras preocupações, e o espanhol? Será que ia ensinar ao filho a falar em espanhol, ou usariam somente o português? A ideia de criar uma criança bilíngue não lhe era familiar e com um marido que não fala espanhol, parecia um desafio muito grande. Considero simbólico que ela iniciou a entrevista compartilhando que migrou ao Brasil pois não tinha um futuro na Venezuela, e precisava ir para outro local para tentar construir um futuro, e quatro anos depois ela estava casada, tinha a casa própria e estava grávida, literalmente criando o seu futuro no Brasil.

Gabriela

Compartilhou um medo sobre o futuro, no que ela explicou serem as incertezas políticas que ela discernia ao ver o Lula ter sido eleito. Ela temia que o Lula estava trazendo um governo socialista ao Brasil e iria tirar os direitos dos imigrantes, obrigando-os a retornar à Venezuela. Quando perguntei mais sobre essas afirmações, ela contou que recebeu pelo WhatsApp essas notícias sobre as mudanças nas

políticas migratórias brasileiras e já havia começado a fazer planos de como sair do país e recomeçar, porém disse que somente tomaria esses passos após o término do seu tratamento de saúde pelo SUS.

Heitor

Ele também expressou um medo sobre mudanças em políticas migratórias e consequências na economia do Brasil após a eleição do Lula. O Heitor expressou não querer sair do Brasil, mas ia continuar observando a situação e disse que se algo parecesse tomar uma direção que lhe lembrasse da crise econômica e política da Venezuela, ele iria ir sozinho, pois a família não considera sair para a Europa. Nesse caso ele gostaria de ir para Espanha pois lá tem amigos e não precisa aprender outra língua de novo. Quando eu perguntei sobre esse medo quanto ao governo de Lula, ele respondeu que os sinais eram óbvios e que o discurso socialista e comunista²⁵. Segundo o Heitor: “Era o início de um desastre”.

É importante reiterar que nesse momento final pode ser observado o viés da comunidade nas respostas sobre o resultado das eleições de 2022, e o medo que expressaram sobre o Lula ter tomado posse em janeiro de 2023. O Heitor e a Gabriela são os que tiveram uma resposta mais negativa e enfática, mas no decorrer das entrevistas esse tema apareceu. A Esperanza e o Carlos falaram sobre o estudar na escola e ao se preparar para o vestibular, como apareciam conversas sobre a situação política na Venezuela, e isso lhes permitiu refletir sobre a questão desde diferentes perspectivas, mas ainda assim temiam o que significava a eleição de Lula em 2022, considerando que se tratava de sua terceira eleição, após dois mandatos consecutivos de 2003 a 2011, e ele assumiria a presidência após o governo de Bolsonaro, que foi de 2019 a 2022.

Durante o período da campanha eleitoral, houve muitas *Fake News* (notícias falsas) sobre o como Lula era próximo de Maduro e tinha planos econômicos que iriam

²⁵ Gostaria de reiterar que esta é a opinião do entrevistado, uma opinião que denota um viés de grupo e traz outros questionamentos sobre o que ele entende sobre socialista e comunista. Não entrei nessas questões durante as entrevistas pois decidi não questionar as afirmações apresentadas, para que não mudassem suas afirmações tentando dizer algo que me agradasse, ou seja não tentei rebater ou discutir afirmações que partiram de fake News que receberam em por meios de comunicação digital.

fazer com que o “Brasil se tornasse uma Venezuela”. O problema das *Fake News* é complexo e extenso, e tem um alcance preocupante, me chamou a atenção como isso foi algo que marcou o Heitor e a Gabriela ao ponto de estarem observando como as decisões do governo, e dependendo de o que vissem nas notícias, iriam dar continuidade em planos para sair do país e recomeçar de novo em outro local.

Considerações Finais

Para pensar sobre o impacto da língua nas experiências de imigrantes venezuelanos, iniciei este trabalho compartilhando as trajetórias do grupo entrevistado. Ao reconhecer que há um viés de grupo devido a forma como foram contatados e tamanho do grupo, me propus a recontar seus trajetos de chegada ao Brasil, não com o objetivo de construir uma imagem panorâmica na qual pudéssemos encontrar semelhanças ou trazer conclusões, mas para recontar suas dores e desafios e esperanças, eu fico agradecida de terem confiado em mim suas histórias. O mudar e recomeçar sua vida do zero²⁶, com ou sem documentos, somente com o que você pode carregar consigo, grávida ou com crianças de colo, traz muitos desafios! E nos relatos desses migrantes fui desafiada a pensar o quão longe nos dispomos a ir, quão desconfortáveis, e como viver com coragem para lutar por um futuro diferente.

Um desafio foi destacado pela Fabiana: a questão do trabalho. Ela explicou como começar do zero significa não ter mais as qualificações que você tinha no seu país de origem, e isso implica em estar disposto a aceitar os empregos que aparecerem: "se precisar lavar banheiro, nós lavamos". Essa atitude de estar disposta a trabalhar onde aparecesse a oportunidade infelizmente a colocou em situações de exploração, pois o trabalhador migrante é visto como mão de obra barata. Durante a entrevista ela não falou "fui explorada", mas quando ela começou a descrever as condições de trabalho do primeiro emprego que ela encontrou, fui percebendo que era uma terrível exploração, e foi no processo de aprender a falar o português que portas se abriram para trabalhar em outros locais. Fabiana teve a possibilidade de parar de trabalhar durante a gravidez pois seu marido, um brasileiro, tinha os meios de prover para ambos e ela recebeu ordens médicas de ficar em repouso. Considero bonito destacar que no seu relato ela saiu da Venezuela porque não tinha mais esperanças de um futuro, de possibilidades de um futuro e se sentia desesperançada, e agora estava casada, com um filho a nascer, com um futuro onde há possibilidades de educação, acesso à saúde e conhecendo seus direitos.

²⁶ Fala de Fabiana durante a entrevista.

Esta dissertação colocou como pergunta: “*Será possível um acolhimento na perspectiva da inserção, e da língua ser uma ferramenta de inclusão do outro tal como ele é, para que não precise deixar seus costumes, cultura, modo de ser de lado, mas enriquecer sua vivência e da sociedade e comunidade que o recebe?*” Nas narrativas do grupo eu procurei responder essa questão. Os seis venezuelanos entrevistados compartilharam como o falar português foi parte crucial do fazerem amigos e se conectarem em uma comunidade, pois por diversas razões não se conectaram com uma comunidade de imigrantes e sim buscaram estar inseridos em comunidades de brasileiros. Alguns dos relatos trouxeram uma resposta negativa à pergunta proposta, pois eles os que migraram quando adolescentes ou antes dos 20 anos, relataram que já não se sentiam mais venezuelanos, querem falar como brasileiros e ser vistos como brasileiros. Eles sentem um pertencimento maior ao Brasil, esse lugar que chamam de casa, pois não tem mais desejo de retorno à Venezuela, local que é parte de suas memórias, mas onde não veem uma vida à qual retornar. Os outro três que migraram com 24, 27 e 34 respectivamente, expressam uma melancolia, uma saudade do local onde não há mais retorno e ao qual gostariam de retornar, mas já são mais desanimados com a busca por um local de pertencimento, aceitando que são estrangeiros e afirmando que é inevitável a sensação de se sentir deslocado e preso no limbo do não pertencer, procurando se conectar com uma comunidade específica ao invés de atravessar entre diversos grupos e espaços. Eles também falam menos português, se conectando com as suas comunidades locais de formas diferenciadas, é interessante que a Fabiana, que migrou com 24 anos, é quem demonstrou maior domínio do português. Os mais novos expressaram um maior domínio e conhecimento do português, que se expressou na fluidez da fala.

Pensar em acolhimento linguístico é pensar nas estratégias de ensino de português para imigrantes e refugiados, e políticas linguísticas. É portanto, pensar no PLAc, o qual sendo ressignificado com uma perspectiva de educação decolonial, traz uma resposta positiva à questão formulada, questão que esta dissertação procurou responder em diversos graus de sucesso, talvez mais delimitando outras questões tangenciais e encontrando novas ramificações da questão. Propus entender o acolhimento linguístico como ensinar o idioma português para ajudar o estrangeiro em sua inserção na sociedade receptora, um ensino que respeita sua identidade e sua cultura. É também um ensino voltado à prática, de maneira que logo o imigrante possa

se comunicar e transitar nessa nova sociedade. Importante ressaltar que a fluência não seja um parâmetro de sucesso, porque há várias outras maneiras de inserção mesmo sem um completo domínio da língua de chegada. Minha experiência como professora de PLAc foi limitada no tempo e no que pude registrar, pois pela proteção dos alunos que se encontram em situação de vulnerabilidade os professores não podiam ter nenhum tipo de contato fora da sala de aula (que foi online). Houve vários desafios e limitações nessa observação, mas me marcou o como algumas práticas eram tão distantes do que a teoria propunha, pois no papel toda teoria parece viável e infalível, mas na prática havia muitos outros fatores a serem identificados e quantificados.

Para complementar a pesquisa, em resposta a limitação e não autorização de entrevistas aos alunos de PLAc, foram realizadas entrevistas com um grupo (como mencionado acima sobre as trajetórias migratórias). Essas entrevistas foram codificadas e analisadas. Buscamos quantificar o quanto de gírias, portunhol e espanhol eles usaram durante as entrevistas com o objetivo de conectar as narrativas de processos de aprendizado e aquisição do português com os espaços nos quais eles estão conectados, inseridos e como se expressam dependendo dos assuntos que falam - por exemplo, ao falar de casa na Venezuela o Carlos usava mais espanhol e não conseguia lembrar das expressões em português, e ao falar da segunda vez que migraram ao Brasil (e como se sentiu em casa) ele começou a rir e explicar como foi difícil naquela época não saber as gírias que os amigos usavam, mas foi aprendendo de novo e o falar o português com gírias, igual aos amigos brasileiros, o fazia se sentir parte do grupo. Por outro lado, o Bruno não fala com fluência e fala mais portunhol do que português mas está muito bem integrado na comunidade onde vive, e se movimenta entre diferentes locais com facilidade e se não fosse o interesse de conseguir a naturalização - para ter um passaporte brasileiro -, acredito que não teria procurado aulas de português, pois ele falou que não sente necessidade de ser fluente no português ao navegar seu dia a dia, e segundo ele o seu portunhol já é uma ótima fluência do português e as pessoas o entendem.

Em pesquisas futuras seria interessante realizar três entrevistas com um mesmo grupo de migrantes que se comprometam a finalizar um curso de PLAc. Com o propósito de registrar o processo de aprendizado e aquisição da língua, e quantificar quanto que o progresso na língua impactou (ou não) outras áreas da vida, trabalho,

moradia, educação, inserção em comunidades etc. Preparando um mesmo formulário que seja respondido antes de cada entrevista, e no final observar como as respostas mudaram (ou não) antes do curso de PLAc, durante o curso e depois da finalização, de maneira que seja avaliado como o processo de aprendizado do português ocorreu e como o falar português impactou diversas áreas da vida social e civil dos imigrantes.

Quais são os parâmetros para entender se a pessoa está inserida ou não na sociedade receptora? O nível de inserção na sociedade receptora também pode ser formulado a partir da sensação de pertencimento, algo que apareceu nas entrevistas, e propus conectar esse conceito com o conceito da *diáspora* de Hall (2013), e o desejo de retorno a um local no qual não há retorno, pois existe nas memórias. Para ilustrar isso, eu retomo aqui a história da Gabriela, que saiu da Venezuela por questões de segurança e para proteção da vida dela e da sua filha. Por mais que ela deseja retornar a Venezuela, ela não pode, e em São Paulo não tem encontrado uma comunidade ou grupo. Enquanto a sua filha é legalmente brasileira, frequenta a escola brasileira e não fala espanhol, somente português. A Gabriela expressou não sentir uma sensação de pertencimento ao Brasil, mas a sua filha só conhece o Brasil, é por meio de sua filha que ela está encontrando (ou criando) esses espaços de pertencimento e inserção.

É através do seu domínio da língua? O falar como um nativo é o jeito de avaliar o nível da inserção? Ele pode falar perfeitamente a língua e ainda ser o estrangeiro, o de fora, o excluído, pois continua sendo o outro.

Proponho então, que o (não) falar português e o processo de aprendizado ou aquisição da língua foi uma questão central da experiência migratória do grupo. É interessante observar que o nível de fluência no português não indicava o nível de inserção em um grupo ou comunidade. Há também a questão de em que tipo de comunidade estão inseridos, por exemplo, a Igreja aparece em quatro relatos como espaço de acolhida e cuidado. Como um espaço onde o falar português não era um requisito para que participassem das atividades, ou fossem integrados à comunidade. Acho interessante observar se a Igreja é um local de refúgio e acolhida, levando em consideração a história da Igreja (católica e evangélica) na educação.

Este trabalho é o fruto de uma caminhada pessoal, estive e continuo procurando na teoria sociológica e nas histórias compartilhadas comigo respostas a

como navegar a vida nesse não lugar do ser imigrante, tendo nosso coração dividido entre duas pátrias as quais não pertencemos totalmente, e procurando o retorno a um local que não mais existe porque só se encontra em nossas memórias. E no processo de pesquisa me encontrei com a noção de ter nossas identidades traduzidas (Hall,2020) e ser parte de uma cultura híbrida, encontrando na teoria sociológica possibilidade de como navegar ser uma TCK²⁷. Refletir sobre a diáspora junto com o conceito de tradução trouxe novas questões sobre pertencimento e identidade, e são reflexões que levarei comigo. É o meu daemon, como fala Olga (2023), ou aquilo que guia a minha imaginação sociológica (Mills,1959), e continua me incomodando e guiando em trabalhos futuros, seja dentro ou fora do campo de pesquisa acadêmica.

²⁷ Third Culture Kid é um termo proposto por Ruth Useem na década de 1950 para descrever as experiências de crianças expatriadas. Hoje, esse conceito continua sendo adotado por comunidades internacionais para se referir a crianças e adolescentes que acompanham seus pais em mudanças internacionais e crescem em uma cultura diferente da indicada em seu documento/passaporte. Essas crianças não pertencem completamente a nenhum dos dois locais: o país onde residem e o país de onde são cidadãos.

Referências Bibliográficas

AGER, A.; STRANG, A. *Understanding integration: a conceptual framework*. Journal of Refugee Studies, v. 21, n. 2, p. 166–191, jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jrs/fen016>.

AMADO, R. S. *O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados*. Revista da SIPLA, Brasília, ano 4, n. 2, out. 2013.

ANUNCIAÇÃO, R. F. M. *A língua que acolhe pode silenciar? Reflexões sobre o conceito de “Português como Língua de Acolhimento”*. Revista X, v. 13, n. 1, p. 35–56, 2018.

ANUNCIAÇÃO, R.; CAMARGO, H. R. *O exame CELPE-BRAS como política gatekeeping para a naturalização no Brasil*. Muiiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, v. 7, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/212070.7.2-2>.

ARRUDA, Ângela(org): *Representando a Alteridade*. Petrópolis, Vozes,1998.

BAENINGER, R et al. *Migrações Venezuelanas*. Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" – Nepo/Unicamp, 2018. 400

_____, R. *Fases e faces da migração em São Paulo*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012.

BAPTISTA, D.M.T., MAGALHÃES, L.F.A. (orgs). *Migrações em expansão no mundo em crise*. São Paulo : EDUC : PIPEq, 2020.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BOLLNOW,O.F., *O homem e o espaço*. tradução de Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2019

BOURDIEU, P. (org.). *A Miséria do mundo*. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. tradução Daniela Kern; Guilherme F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____, P. *Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

_____, P., PASSERON, J.C. *Los herederos: los estudiantes y la cultura*. - 2ª edição. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2009.

_____, P. *Sociologia geral*. v. 1. São Paulo: Vozes, 2021.

BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidade*. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

DANTAS, S.D. (org.). *Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais*, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.

CABETE, M. A. *O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Língua e Cultura Portuguesa.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas*. Educação (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014.

COLLINS, P. H. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO; ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. *Cartilha de orientação sobre naturalização e nacionalidade*. Brasília: Defensoria Pública da União, 2022.

DEMARONI, Z. *Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa*. Proposições, v. 15, n. 3, p. 45–56, set./dez. 2004.

DIAS, G. et al. (Orgs.). *A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad*. São Paulo: EDUC, 2020.

DUTRA, D. [et ... al]. Os estrangeiros no mercado de trabalho formal brasileiro: perfil geral na série 2011, 2012 e 2013. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, A. T. de; TONHATI, T. (Orgs.). *A inserção dos imigrantes no Mercado de trabalho brasileiro*. Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais, p. 47 - 80, 2014.

GARCÍA, N. C. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

GONZALES, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, 1984, p. 223-244.

GROSFOGUEL, R. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 25–49, jan. 2016.

GROSFOGUEL, Ramón: *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. In SANTOS, Boaventura Souza; MENESES, Maria Paula (orgs): Epistemologia do Sul. Coimbra, Edições Almedina. 2009.

GUTH, Alencar. *O PrInt/UFP em uma encruzilhada de discursos em políticas linguísticas, internacionalização e decolonialidade*. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Cristina Sambugaro de Mattos Brahim.

GUTIERREZ, R. *La dimensión lingüística de las migraciones internacionales*. In: Lengua y migración 5:2, Universidad de Alcalá, p. 11-28 2013.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende [et al.]. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HECKERT CESAR BASTOS, Raquel. *"Quando alguém não fala a língua, é como se as crianças tivessem nascido agora": orientações para o ensino do português como língua de acolhimento para mulheres árabes em situação de refúgio*. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem.

JAROCHINSKI, J. C. S.; BÓGUS, L. M.; GIMENEZ JAROCHINSKI, S. A. S. *Os fluxos migratórios mistos e os entraves à proteção aos refugiados*. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 34, n. 1, p. 15–30, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0003>. Acesso em: 28 set. 2024.

KAPUSCINSKI, R. *The other*. Tradução de Antonia Lloyd-Jones. Poland: Instytut Ksiazki, 2018.

MAGALHÃES, L. e FERRADAS, F. *Migrações Internacionais na Virada do Século: um Olhar sobre a América Latina*. In: Atualidade Econômica, Universidade Federal de

Santa Catarina, Centro Sócio-econômico, Departamento de Ciências Econômicas, Ano 19, No 51, Janeiro/julho/2007.

MARTINS, I. *Permanência, Alteridade e o poder dos Outsiders – O caso dos imigrantes haitianos no Brasil: uma introdução*. In: Entre-Lugar, Dourados, MS, ano 5, n.7, p. 29-42, 1. semestre de 2014.

MIRANDA, Y. C. C.,. *Narrativas em curso: subsídios para a formação de professores de português em contexto de acolhimento a estudantes migrantes e refugiados no ensino básico brasileiro*. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais.

MOREIRA, V. S. *Migrações Femininas e a Nova Lei de Migrações: uma análise sobre a ausência da perspectiva de gênero na nova lei*. Cadernos de Gênero e Diversidade, [S. l.], v.4, n.4, p.50 -- 67, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/28127>

OBMIGRA. *Refúgio em Números: 1ª edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%201%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o>

_____. *Refúgio em Números: 2ª edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%202%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%3B>

_____. *Refúgio em Números: 3ª edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%203%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%3B>

_____. *Refúgio em Números: 4ª edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%204%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%3B>

[direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%204%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o](#)

_____. *Refúgio em Números: 5ª edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: [https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-](https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%205%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%3B)

[direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%205%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%3B](#)

_____. *Refúgio em Números: 6ª edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: [https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-](https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%206%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o)

[direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%206%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o](#)

_____. *Refúgio em Números: 7ª edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-](https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%207%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20(2022)%3B)

[direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%207%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20\(2022\)%3B](#)

_____. *Refúgio em Números: 8ª edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2023. Disponível em: [https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-](https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%208%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20(2023)%3B)

[direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%208%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20\(2023\)%3B](#)

_____. *Refúgio em Números: 9ª edição*. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-](https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%209%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20(2024))

[direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes#:~:text=Ref%C3%BAgio%20em%20N%C3%BAmeros%20%2D%209%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20\(2024\)](#)

PABST, Luiza U. *A língua como uma questão política: resenha de “Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos”*. ReVEL, v. 14, n. 26, 2016.

PISCITELLI, A. *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. *Sociedade e Cultura*, [S. l.], v. 11, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>.

POLAK, M. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

QUINTANILHA, K. *Redes e encruzilhadas: políticas e precarização da condição migrante e lutas sociais para além dos dados*. In: Museu da Imigração, 2020. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/redes-e-encruzilhadas-politicas-de-precarizacao-da-condicao-migrante-e-lutas-sociais-para-alem-dos-dados>

_____. *Migração forçada no capitalismo contemporâneo: trabalho, direitos e resistências no Brasil*. Orientadora: Rosemary Segurado. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, 2019.

RODRIGUES, L.M.O. (org.). *Imigração atual: dilemas, inserção social e escolarização: Brasil, Argentina, EUA*. São Paulo: Escuta, 2017.

ROMANO, A e PIZZINATO, A. *Migração de mulheres para o Brasil: interseções de gênero, raça/etnia e classe*. In: *Revista trabalho social* Vol. 21 n.º 2, p 197 - 213, Bogotá, Jul-Dic 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/ts.v21n2.75072>.

SAID, E. W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SAWAIA, B. (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, C. e FURTADO, S., MAGALHÃES, L., BAENINGER, R., BÓGUS, L., CHAVES, F., SANTOS, A. e TREVISI, D. *Novos olhares para migração de mulheres: haitianas, angolanas, venezuelanas e bolivianas na cidade de São Paulo – SP*. In: *Anais do XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. População, sociedade e políticas: desafios presentes e futuros*. Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2018.

SILVA, F. C., & JÚNIOR COSTA, E. (2020). *O ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) na linha do tempo dos estudos sobre o Português Língua Estrangeira (PLE) no Brasil*. *Revista Horizontes De Linguística Aplicada*, 19(1), 125–143. <https://doi.org/10.26512/rhla.v19i1.24117>

SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15.ed. – Petrópolis, RJ:Vozes, 2014.

SUVDERLAN, D. e STURZA, E., *Discurso sobre língua: o desenvolvimento como eixo do debate sobre diversidade linguística. Um olhar na declaração universal dos direitos linguísticos*. In: *Linguagens & Cidadania*, v. 16, jan./dez., UFSM, 2014.

SCHOFFEN, J. R.; MARTINS, A. F. *Políticas linguísticas e definição de parâmetros para o ensino de português como língua adicional: perspectivas portuguesa e brasileira*. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

THOMAZ, D. Z. *A categoria do refugiado revisitada: transformações na soberania estatal e o caso da imigração haitiana para o Brasil*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

TOKARCZUK, O. *Escrever é muito perigoso: ensaios e conferências*. Tradução de Gabriel Borowski. São Paulo: Editora Todavia, 2023.

TRUZZI, O. *Assimilação ressignificada: novas interpretações de um velho conceito*. *Dados*, v. 55, n. 2, p. 517–553, 2012.

TRUZZI, O.M.S. VOLANTE, J.P. *Percursos migratórios intergeracionais e dinâmicas de implantação de imigrantes estrangeiros no oeste paulista (1880-1950)*. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 31, n. 3

TUBINI, J.M.S. *Política Municipal para a População Imigrante de São Paulo: desafios da transversalidade*. 170 f. Orientador: Marta Ferreira Santos Farah. Dissertação (mestrado CMAPG) – FGV, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2019.

UEBEL, R. *Migração venezuelana para o Brasil: considerações geopolíticas e fronteiriças sobre a atuação governamental brasileira*. *Aldea Mundo*, v. 24, n. 48, p. 69–80, 2019.

VIEIRA, L. (Org.). *Identidade e globalização: impasses e perspectivas da identidade e diversidade cultural*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VERAS, M. P. *Estrangeiros na metrópole: territórios e fronteiras da alteridade em São Paulo*. Revista USP, n. 114, p. 45–54, jul./set. 2017.

VERAS, M. P. *A produção da alteridade na metrópole: desigualdade, segregação e diferença em São Paulo*. In: DANTAS, S. D. (Org.). *Diálogos interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.

VERAS, M. P. B. *Exclusão Social - Um problema brasileiro de 500 anos*. In: Bader Sawai (org.): *As artimanhas da exclusão. Análise Psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

_____, M. P. B. *DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*. São Paulo: EDUC, 2003.

VILLEN, P. *Imigração na modernização dependente: 'braços civilizatórios' e atual configuração polarizada (tese) Doutorado em Sociologia*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp - Campinas, SP, 2015.

WALDMAN, T.C. *O acesso à educação escolar de imigrantes em São Paulo: a trajetória de um direito*. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, 2012.

WALSH, Catherine. *Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial*. Tradução de Daniele da Silva Proença e Andrea Cristiane Kahmann. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas. v. 05, n. 1, jan./jul. 20

Apêndice 01

Roteiro de Entrevistas (Semiestruturada)

A entrevista é dividida em três momentos, com foco nas experiências pessoais, aquisição de linguagem e aspectos socioculturais da vida como imigrante no Brasil.

1. Experiências pessoais como imigrante

Neste momento, o objetivo é explorar a jornada pessoal de imigração, os ajustes culturais e o impacto na identidade do entrevistado.

Perguntas para guiar a conversa:

- Quando você chegou ao Brasil? Poderia compartilhar a sua história de imigração?
- Qual foi o processo para obter o visto? Você está no Brasil como refugiado ou migrante? Poderia falar sobre isso?

2. Aquisição de linguagem e desafios

O foco aqui é entender o processo de aprendizado do português, as dificuldades enfrentadas e as estratégias utilizadas para superá-las.

Perguntas para guiar a conversa:

- Como foi seu processo de aprendizado do português? Você já havia tido aulas de português antes de participar deste projeto?
- Como você percebe sua comunicação em português hoje?
- O que você acha dos diferentes modos de falar em várias regiões do Brasil? Como isso te afetou?
- Como se deu o seu processo de aprendizado do português e qual a importância do “saber falar” português para a sua inserção e aceitação na sociedade brasileira, especialmente no mercado de trabalho?

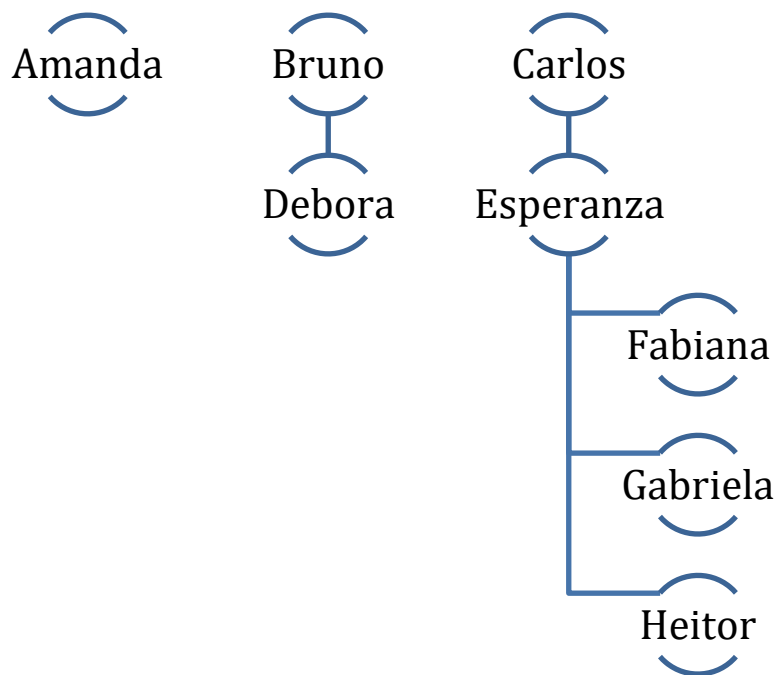
- Você sente pressão para falar o "português certo"? O que seria, para você, o "português certo"?
- O que você pensa sobre o uso do "portunhol", seu sotaque ou possíveis preconceitos linguísticos que possa ter enfrentado?

3. Aspectos socioculturais

Esta parte da entrevista visa analisar os fatores sociais e culturais que influenciam tanto a aquisição de linguagem quanto a inserção em uma nova comunidade.

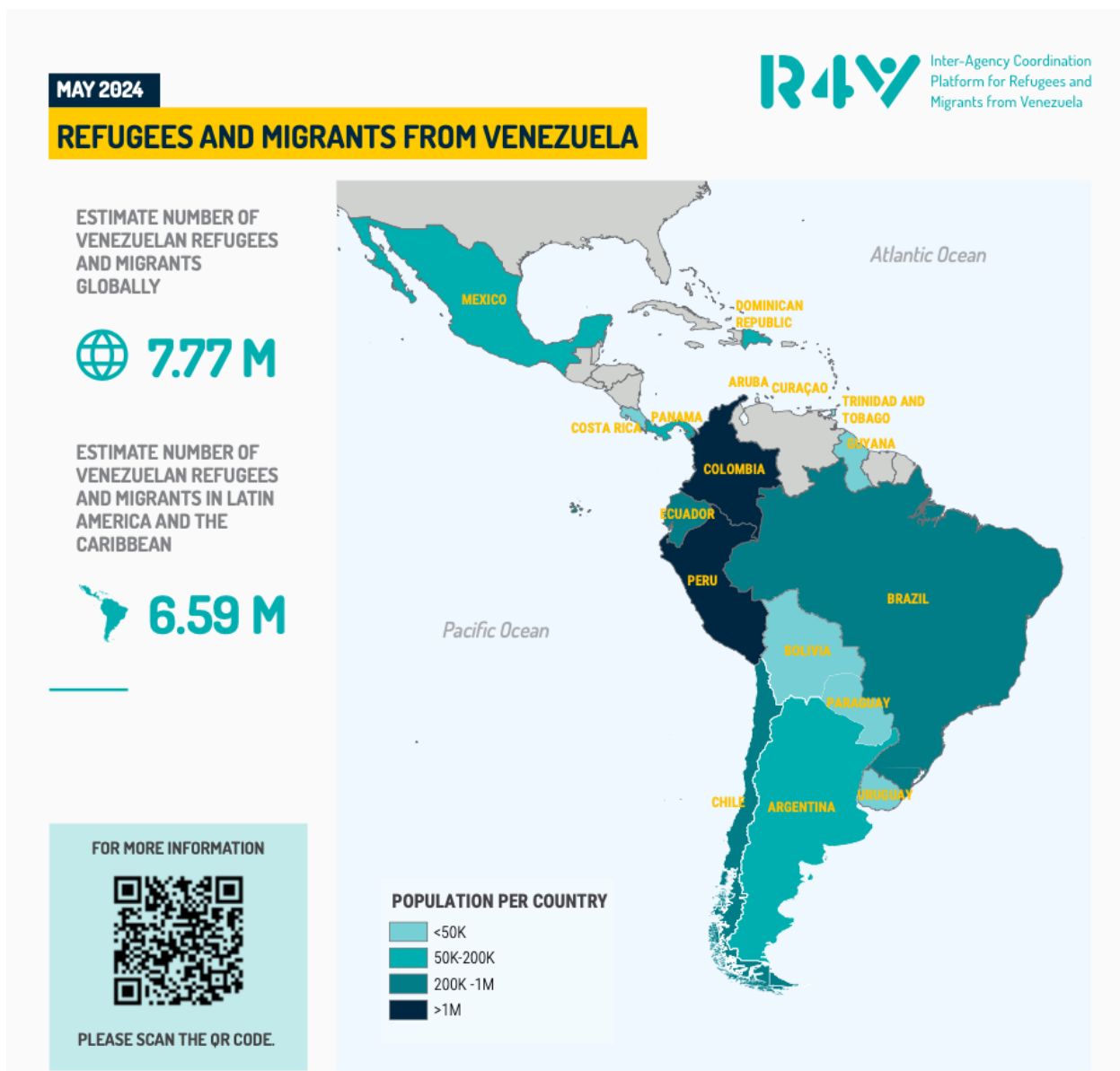
Perguntas para guiar a conversa:

- Como está sendo sua experiência de trabalho no Brasil?
- Ao longo da sua experiência no Brasil, você já teve a sensação de que foi tratado de forma diferente por ser imigrante, mesmo que isso não tenha sido dito diretamente?
- Qual tem sido sua relação com a comunidade local? Você sente que foi acolhido ou que houve barreiras?
- O que mais te preocupa atualmente como imigrante no Brasil?

Apêndice 02 - Representação gráfica da formação do grupo de entrevistados

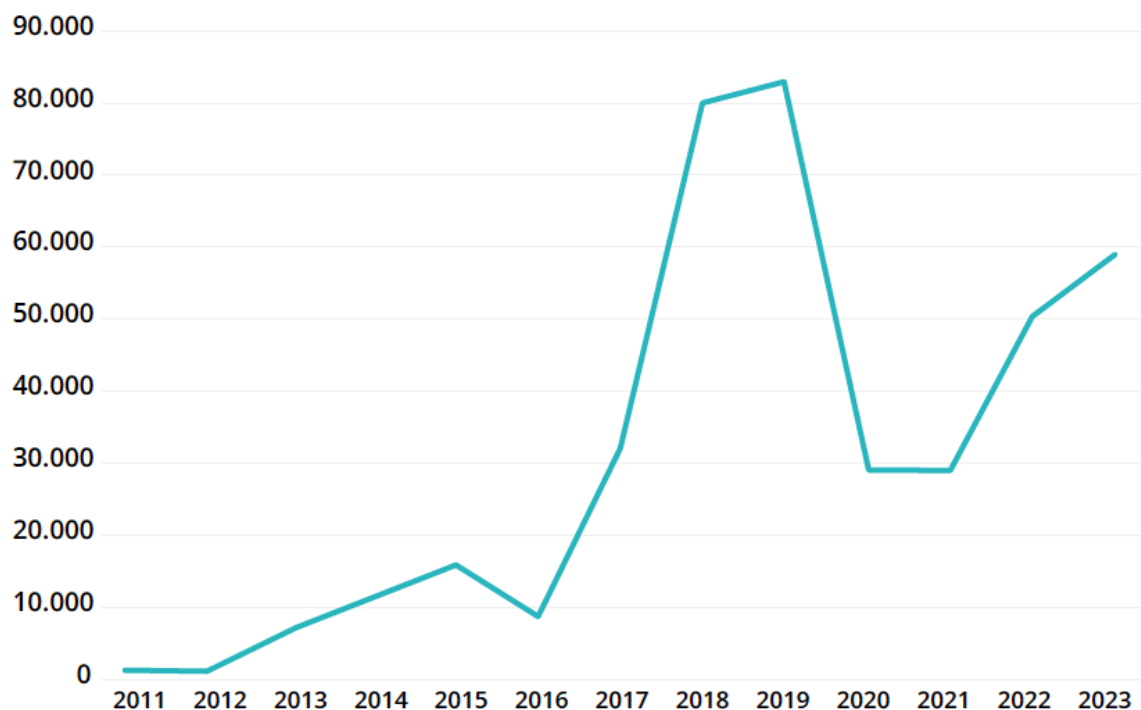
Fonte: Elaboração própria.

Anexo 01 - Representação Cartográfica do fluxo da população venezuelana na América Latina e Caribe.



Fonte: R4V.

Anexo 02 - Número de solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado, segundo ano de solicitação, Brasil – 2011 – 2023



Fonte: Elaborado pelo OBMIGRA, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Tráfego de Pessoas – Módulo de Alertas e Restrições (STI-MAR) e da CG CONARE, Solicitações de Reconhecimento da Condição de Refugiado, 2023.